

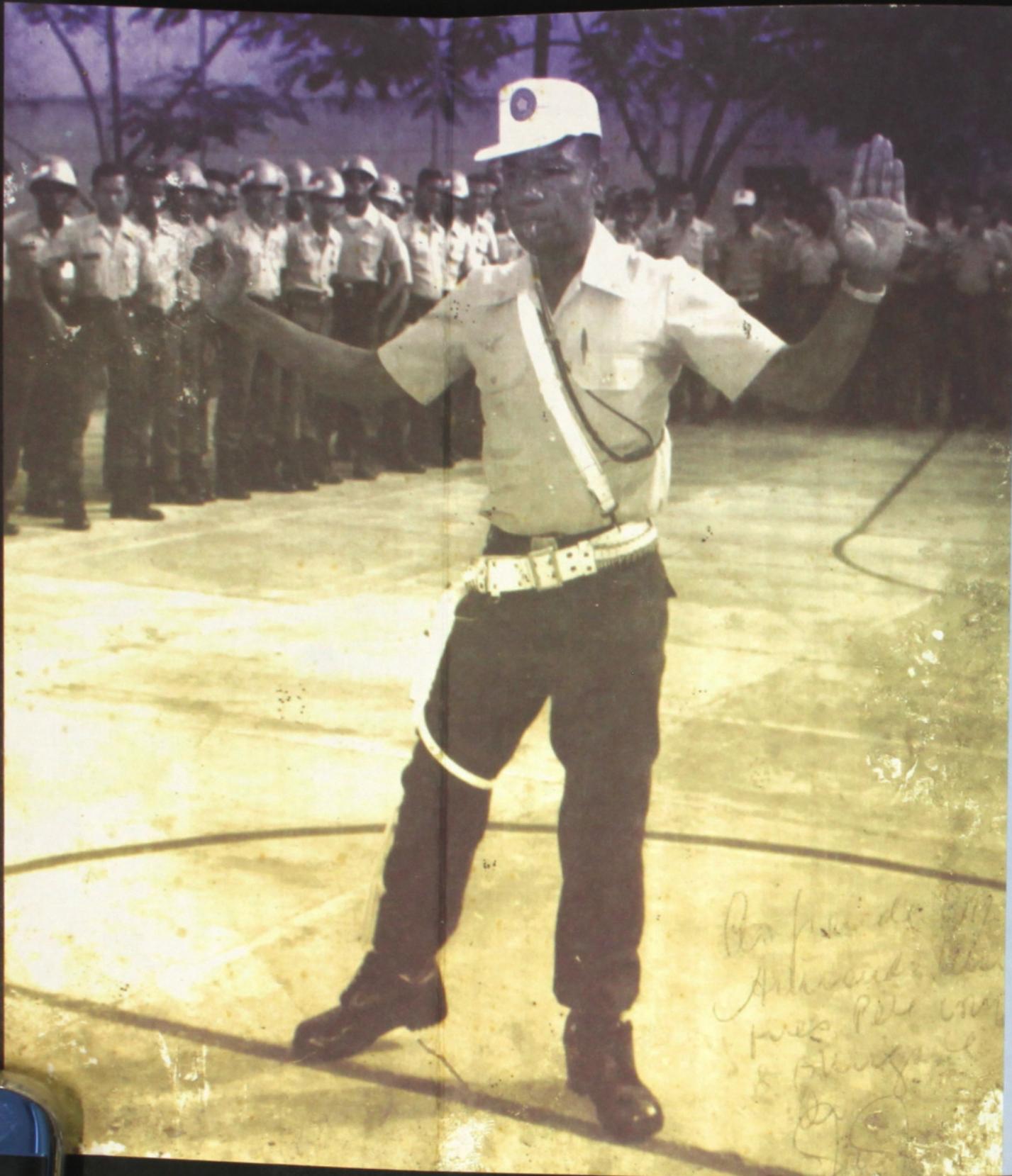
*Coleção
Gente da
Bahia*

Raimundo Marins

Guarda Pelé



COLEÇÃO
Gente Bahia



*Armando Marques da Silva
Guarda Pelé
para o show
de Pelé*



*AOS Amigos
DO ARQUIVO DA FU
CENAP P/ APOIO
DO AUTOR
Armando*

Armando Marques da Silva

Guarda Pelé

ARMANDO MARQUES DA SILVA
SHOW

Efetivamente, o universo conspira para que atos ou fatos aconteçam de uma forma que foge da historiografia para passear na poesia. No caso do personagem retratado por Raimundo Marins, o seu registro de nascimento cristalizou o início da confirmação do axioma, consolidado por sua vida pessoal e profissional.

Vinculando o personagem a um importante árbitro esportivo, à magia e ao rigor no fazer, à execução ritmada, ao espírito de compromisso e ao grande ídolo do futebol de todos os tempos, fizeram do nosso "Pelé" um exemplo do valor do policial militar, com singularidade e honradez, exaltando a simbologia do servir em uma instituição quase bicentenária!

Eis os fatos. Eis a história.

Gilson Santiago Messias -Cel PM
Diretor de Comunicação Social da
PMBA

EDIÇÕES
ALBA
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA BAHIA



COLEÇÃO

Gente da Bahia

31



ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

MESA DIRETORA

Presidência

MARCELO NILO

1º Vice-Presidência

YULO OITICICA

2º Vice-Presidência

SANDRO RÉGIS

3º Vice-Presidência

NELSON LEAL

1º Secretaria

PAULO AZI

2º Secretaria

ROGÉRIO ANDRADE

3º Secretaria

FABRÍCIO FALCÃO

4º Secretaria

FÁTIMA NUNES

Suplentes

ADERBAL CALDAS

BIRA CORÔA

CARLOS GEILSON

LEUR LOMANTO JÚNIOR

MARIA LUIZA LAUDANO

Chefe da Assessoria de Comunicação Social

PAULO BINA

Assessor para Assuntos de Cultura

DÉLIO PINHEIRO

Copyright © by
Direitos desta edição reservados à
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA BAHIA
Coleção Gente da Bahia
GUARDA PELÉ

PRODUÇÃO EDITORIAL

EDITORES: Paulo Bina e Délio Pinheiro
ASSISTENTE EDITORIAL: Alessandro Mateus dos Santos e Bira Paim
AUTOR: Raimundo Marins
REVISÃO: Raimundo Marins, Cap. Wolneir Brizola Alves e Délio Pinheiro
PROJETO GRÁFICO E EXECUÇÃO: Tamir Drummond
FOTO PANORÂMICA DA CAPA: Paulo Mocofaya
FOTO DA CAPA: Correio Brasiliense
FOTOS INTERNAS: acervo pessoal de Armando Marques da Silva
(Guarda Pelé). Acervo pessoal dos Srs. Alvaro e Rubem Sarlo.
Fontes diversas (jornais e sites livres), indicados no fim do livro.

M342g Marins, Raimundo
 Guarda Pelé: Armando Marques da Silva
 Show / Raimundo Marins - Salvador : Assembleia
 Legislativa, 2013
 208 . : il - (Coleção Gente da Bahia. v. 31)
 Edições ALBA

 1. Pelé (Guarda) - Biografia. 2. Silva, Armando
 Marques da, Pelé do Trânsito - Bahia. I. Bahia.
 Assembleia Legislativa. II. Título. III. Série

CDD 920

Ficha catalográfica
(Bibliotecária: Iracilda Ribeiro Nunes)

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA
Palácio Dep. Luis Eduardo Magalhães, 1ª avenida, 130
CEP: 41.745-001, CAB Salvador-Bahia Fone: (71) 3115-4910
E-mail: cerimonial@alba.ba.gov.br
www.alba.ba.gov.br



Raimundo Marins

Guarda Pelé

*ARMANDO MARQUES DA SILVA
SHOW*

1ª edição
Salvador, 2013

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	15
Prefácio	19
Introdução	23
Capítulo I.....	31
Capítulo II	39
Capítulo III.....	43
Capítulo IV.....	47
Capítulo V	51
Capítulo VI.....	55
Capítulo VII	61
Capítulo VIII.....	65
Capítulo IX.....	71
Capítulo X	75
Capítulo XI.....	85
Capítulo XII.....	93
Capítulo XIII	101
Capítulo XIV	103
Capítulo XV.....	105
Capítulo XVI.....	115
Capítulo XVII.....	123
Capítulo XVIII	127
Capítulo XIX	131
Capítulo XX.....	135
Capítulo XXI	143
Capítulo XXII.....	147
Capítulo XXIII	153
Capítulo XXIV	157
Capítulos XXV	161
Capítulo XXVI	163
Capítulo XXVII.....	171
Capítulo XXVIII	175
Capítulo XXIX	181
Capítulo XXX.....	187
Recortes	191
Referências	205

Exercer a presidência da Assembleia Legislativa é um privilégio raro que me foi conferido por meus pares. Ampliaram-se dessa maneira os meus deveres. Em especial, aqueles não diretamente relacionados com o exercício do mandato parlamentar, pois as prerrogativas advindas da Presidência do Poder Legislativo Estadual têm caráter institucional e são abrangentes.

Além das tarefas de cunho administrativo, há também a atuação como magistrado na mediação de conflitos de idéias tão comuns na casa do contraditório e do debate ideológico. Cabe ainda à Presidência zelar pela imagem da instituição, aproximá-la da comunidade, fomentar a cultura e trabalhar para a preservação da nossa história.

Nesse contexto, o programa editorial da Assembleia se revelou uma útil ferramenta de marketing cultural, cuja execução rendeu, nos últimos anos, o resgate de publicações importantes fora de catálogo há décadas. Livros significativos encontráveis unicamente em bibliotecas particulares ou sebos – a preços proibitivos. Livros importantes e autores de escol foram apresentados às novas gerações graças a esse mecanismo.

A reedição de volumes publicados originalmente há quatro, cinco ou mais décadas preencheu indesejável hiato. Ao mesmo tempo, nossa história mais recente começa a se esgarçar nesse início de milênio, sendo esquecidos baianos com trabalho e história que precisam ser preservados. No século da informação instantânea e do surgimento igualmente imediato de celebridades midiáticas – sem qualquer valor intrínseco – artistas ou tipos genuínos que marcaram suas épocas precisam ter suas obras recuperadas.

Decidi, então, fortalecer a saudável política editorial executada pela Assessoria de Comunicação, ampliando seu raio de ação através da criação de um selo novo. Voltado exclusivamente para a preservação da história de cidadãos baianos identificados com o que se convencionou chamar baianidade. Todos merecedores de respeito e lembrança da nossa gente. Todos personagens (à falta de melhor definição) de trajetória peculiar na história da Bahia nos mais variados campos de atuação humana: política, música, artes plásticas, esporte, literatura, urbanismo, cinema, arquitetura, dança e tantos outros. Optou-se pela redação de perfis, em vez

de biografias no sentido tradicional, dos baianos agora homenageados, para privilegiar a elaboração de uma coleção de texto leve, facilitador da leitura.

Essa é a gênese da coleção “Gente da Bahia”, formada por publicações autorais, com o máximo de 150 laudas de texto, sempre ilustrado com fotografias. Foi elaborado ainda um projeto gráfico para marcar essas publicações, conferindo unidade gráfica ao conjunto de obras, porém com flexibilidade para diferenciar um livro do outro.

Acredito que o Poder Legislativo da Bahia presta um serviço público significativo com esse trabalho – e com uma produção editorial que supre grave lacuna no campo cultural, transcendendo o seu objetivo inicial.

Fomentar a publicação de livros, planejar esta coleção e torná-la uma realidade foram tarefas gratificantes que, sem dúvida, ficarão para sempre na minha memória com carinho e orgulho.

MARCELO NILO
Presidente da Assembleia Legislativa
do Estado da Bahia

Agradecimentos

À minha esposa, Márcia, e filhos, Rômulo e Guilherme. Aos meus pais, Rubem e Dedé, e minha avó, Dulce. A toda minha família.

Ao Senhor Coronel PM Alfredo Braga de Castro, Comandante-Geral da PMBA, pelo apoio.

Ao Senhor Coronel PM Carlos Sebastião Oliveira Eleutério Filho, Subcomandante-Geral da PMBA.

Ao Senhor Cel PM/RR Nilton Régis Mascarenhas, ex-Comandante-Geral da PMBA, pela oportunidade.

Aos Coronéis PM Albérico Andrade Filho, Gilson Santiago Messias, Paulo Afonso de Souza Santana (RR) e Silvino Berlink Moraes.

Ao Coronel PM/RR Aristóteles Borges do Rosário, pelo auxílio luxuoso e generosidade.

Aos Tenentes-Coronéis Rauster Amorim Alfano e José Alípio Estrela Maciel (RR). Aos maiores Cléber Oliveira Rodrigues, José Raimundo Carvalho Pessoa, Ubiracy Vieira dos Santos e Dolmar dos Anjos.

Aos Capitães Marcus Vinícius Vergne de Carvalho e Érica Patrícia Santos Silva (padrinho e madrinha deste livro, respectivamente) e Luís Cláudio Xavier de Freitas.

Ao Capitão Wolneir Brizola Alves, pela dedicada revisão deste trabalho.

Aos companheiros dos Departamentos de Pessoal, de Comunicação Social (Leandrinha e Jaguar) e de Finanças da PMBA.

A todos os policiais militares da PMBA que, invisíveis, mas decisivamente, colaboraram para a realização deste trabalho.

A Dick Johnny (brother), Manoel Neto (UNEB/CEEC), Luiz Eduardo Andrade.

Dórea (DPT), Délio Pinheiro, Paulo Bina e Rita Reis Araújo (ALBA), Álvaro e Rubem Sarlo, Antonio Lobão, Néelson Cadena, Clarindo Silva, Moreira (Restaurante do Moreira), ao mago Tamir Drumond e todas as pessoas, momentaneamente esquecidas, que me ajudaram a contar esta história.

“Você não sabe o quanto eu caminhei
Pra chegar até aqui...”

A Estrada

(Toni Garrido/Da Gama/Lazão/Bino)

Prefácio

A atividade policial-militar é, acima da maioria, carregada de simbolismos, tornando-se num ambiente propício para o surgimento de ícones capazes de fortalecer os valores elevados através do exemplo, como é o caso do nosso “Grande Pelé”!

A história é construída pelos fatos do cotidiano em que muitas vezes os atores não se dão conta daquilo que o futuro lhes reserva ou, ainda, sequer imaginam a carga de responsabilidade que é posta em seus ombros e a repercussão na vida de outros. A Polícia Militar da Bahia, como as demais congêneres, escreve suas páginas riquíssimas pelo trabalho rotineiro dos seus integrantes; a rigor, a história da Corporação perpassa pela vida do Estado, em todos os seus momentos, fatos e nuances. Onde quer que haja Bahia, há a PM e o seu soldado garantindo, anonimamente na maioria dos casos, a paz e a segurança da sociedade.

O autor, pessoa inquieta e, acima de tudo, talentosa, corre na busca dos exemplos de policiais militares que

com o seu trabalho técnico apurado, com o seu compromisso institucional e habilidades pessoais engrandecem o nome da Corporação e destinam o melhor de suas vidas à sociedade com a qual se comprometeram solenemente!

Dentro desse perfil, qual não foi a sua felicidade ao escolher a figura do Sd PM Armando Marques da Silva, “o guarda Pelé”, para retratar o modelo de policial militar que o inconsciente coletivo modelou.

O presente trabalho, a par de uma pesquisa que se percebe exaustiva, profunda, perturbadora (em alguns instantes), porém esclarecedora e inquietante, no entanto humana, traz a lume a figura simples, comprometida e dignificante do “Guarda Pelé”.

As luzes trazidas pelo autor em sua maravilhosa investigação desmistificam fatos e ideias preconcebidas em relação ao Sd PM Armando Marques, ao mesmo tempo que o faz ao longo de todo o livro através de pequenas histórias reveladoras da humildade e do talento do policial militar retratado.

É importante salientar, também, a importância do trabalho na medida em que traz personagens de uma época convulsionada do país, com informações belas e lições inesquecíveis. Enfim, retrata o “Guarda Pelé” na

sua expressão mais genuína, em estilo leve, agradável e honesto, mas, sobretudo, como um exemplo de dignidade e compromisso; enquanto o autor contribui, ricamente, com a reconstrução da história da PM em episódios dignos e páginas lastreadas no respeito ao passado, e lança, ao mesmo tempo, cores sobre pessoas e fatos, estende cabeça de ponte para o futuro da evolução institucional, tendo o ser humano como pilar principal!

Um especial abraço ao autor pela riqueza da obra e do protagonista escolhido!

Alfredo Braga de Castro
Cel PM Comandante-Geral da PMBA

Introdução

No decorrer do ano de 2011 encontrava-me servindo no Departamento de Finanças da Polícia Militar da Bahia, quando em data que não me recordo exatamente, a porta aberta do destino, por acaso me inseriu no projeto deste livro biográfico, como tais coisas costumam acontecer. No corredor da seção que trabalhava, um senhor de idade passa vagarosamente em direção a outra repartição próxima à minha. Ele é negro, de baixa estatura, ainda mais curvada pelo peso dos anos que aparenta ter. Bolsa a tiracolo e trajado socialmente passa rapidamente em frente à entrada de meu setor impossibilitando um contato maior, mas a providência, sempre ela, corrige o escorregão do acaso. Um pouco à frente, ouço uma voz desconhecida exclamar uma frase que irá martelar meu cérebro nos minutos seguintes:

- Pelé, você por aqui?

Como se abrisse uma brecha no cérebro, minha memória retornou décadas no tempo, mais exatamente ao tempo que eu era criança. Lá, ela revolveu em meus arquivos, aqueles digitalizados em minha lembrança aos 11, 12, 13 anos, e encontrou as reminiscências daquela figura comentada em todas as rodas de conversa e em

todos os meios de comunicação da época. Sobre ele, narravam-se fatos que, para nós, beiravam ao folclore: que conhecia o mundo todo; que já fora entrevistado nos maiores programas de TV do Brasil; que possuía carros importados dos mais invejados; que estava sempre cercado das mais belas mulheres; que ganhara muito dinheiro como garoto propaganda de várias casas comerciais de peso, enfim, um prato cheio para o imaginário popular.

Devo ter me entretido com tais lembranças o tempo suficiente para que aquela pessoa resolvesse sua pendência no órgão visitado, de forma que ao retornar à frente de minha seção não contive o desejo de indagá-lo a respeito de sua real identidade. O largo sorriso, característica inerente àquela figura humana, conforme iria constatar dali pra frente, funcionou como uma resposta animadora ao primeiro contato antes mesmo da confirmação verbal. Era, sim, o “guarda Pelé”.

Lembro-me que o serviço público, naquela tarde, ratificou um dos preconceitos que lhe afeta, o de pouco trabalho, pois a conversa rolou solta turno adentro, aguçando ainda mais minha curiosidade. Esta última funcionou como um dínamo na concepção deste trabalho.

Lógico que a história ímpar do guarda Pelé, por si só, já é mais que suficiente para merecer um livro. A ela, todavia, adicionamos alguns fatores que se o leitor me permitir tergiversar mais um pouco, humildemente tentarei esclarecer.

Primeiro, considero o personagem objeto das linhas a seguir o que se pode denominar de um fenômeno; não aquele fundado em fantasias, fruto da concepção comercial de algum produto de ocasião veiculado superficialmente por algumas semanas e vencido de maneira mais fugaz ainda pelas novas aparições, num efeito cascata típico da velocidade midiática surgida desde que o consumismo venceu todo e qualquer princípio de sã consciência. Não: Pelé foi moldado nas ruas, nasceu do ventre popular de onde foi forjada a liga para o uso no âmbito publicitário; dali ganhou o mundo a partir de sua própria grandeza e persistiu carismático, perpetuando sua figura até hoje, como minhas buscas surpreendentemente me mostraram, e estão aí para quem se dispuser a comprovar.

Segundo, jamais se deixou subjugar pelos arroubos da fama, inversamente ao que sua trajetória poderia induzir. Logo ele, um homem humilde, de instrução básica, cujos esforços se voltavam quase que exclusivamente para trabalhar no intuito de cuidar da

numerosa família, e que fora escolhido pelo destino para, empregando unicamente o que sua imaginação frutificara hipnotizar multidões por onde quer que passasse na tarefa de controlar e orientar o trânsito. Foi recebido por grandes autoridades, exibiu-se nas maiores vias das principais metrópoles brasileiras e da América do Sul, apresentou-se em programas de TV de grande audiência, foi notícia nos mais conceituados jornais de então, hospedou-se em luxuosos hotéis, viajou continuamente a bordo dos mais modernos aviões de seu tempo, teve a sua disposição uma equipe renomada de profissionais de várias especialidades, foi agraciado com importantes comendas, medalhas, troféus, diplomas, distintivos etc., percorreu redações, gabinetes, escritórios, estúdios, ruas, praças, avenidas, escolas. Nada apontou, mesmo no auge da fama, para algum momento de soberba, alguma crise de estrelismo, era sempre o disciplinado, disponível e eficiente guarda Pelé. A empáfia, como ele me provou, sempre é gestada no ventre dos complexados.

Em terceiro lugar, imagino que a natureza da profissão do soldado Armando Marques da Silva, o Pelé, o torna ainda mais importante em qualquer contexto que se analise sua atuação. Ao inovar no método de conduzir o trânsito nas ruas da cidade do Salvador, para

logo ganhar boa parte do mundo, Pelé colocou para fora todo o talento que pulsava dentro de si, a serviço da comunidade. A magia que seduziu milhares, quicá milhões, de assistentes em toda parte por onde se apresentou dá bem a medida da capacidade de um representante do povo em driblar suas dificuldades no ofício, mesmo que a elas já existissem inúmeras outras decorrentes da rotina pessoal. Adicione-se a isso o fato de exercer a profissão de policial militar, labuta que impõe comportamentos, no mais das vezes, padronizados, objeto de olhares diversificados por parte da sociedade, a maioria construída de forma parcial.

Esta consideração anterior funda a terceira visão particular.

Ao assumir o personagem que elaborou em seu intelecto, exibí-lo pelos quatro cantos do Brasil e nos demais países da América do Sul, Pelé transpôs o umbral proibido da fama, portal visto, no mínimo, como inadequado aos integrantes da profissão que escolheu para abraçar. Desde cedo foi repellido por vários companheiros que viam sua forma de atuação como um meio de promoção pessoal, o que lhe causou muitos problemas. Por essas e outras dificuldades, sempre precisou de muita paciência e resignação para seguir em frente. Até

onde pode, contudo, sempre citou sua PM em reconhecimento pela oportunidade que lhe proporcionou.

Mesmo que enfrentasse várias adversidades, não encontrei nas centenas de matérias pesquisadas nenhum registro de declaração negativa de Pelé contra a PMBA; pelo contrário, como já dito, em todas as exposições, quando possível, fazia sempre questão de elevar o nome de sua instituição.

Por conseguinte, considero Pelé o policial militar mais famoso de todos os tempos no Brasil. Algumas pessoas com as quais dividi este pensamento citaram o personagem vivido pelo ator Carlos Moreno na série de grande sucesso intitulada "O Vigilante Rodoviário", encenada pela extinta TV Tupi durante a década de 1960 e boa parte da de 1970, como alguém que o tivesse suplantado.

Tal oponente, entretanto, figurou apenas no plano televisivo, não percorreu concretamente todos os cantos do país em carne e osso e não mobilizou platéias internacionais. O nosso Pelé, sim, é real e palpável, foi por nós identificado como ídolo de uma geração que até hoje o reconhece por onde passa, sendo retribuída da mesma forma carinhosa há décadas.

Cabe ressaltar que muito da história de Pelé se per-

deu em razão da falta de cultura memorialista que se tornou uma negativa tradição na Bahia. Aliada às imperfeições da memória, plenamente justificável por parte de nosso objeto de estudo sobretudo pela idade já avançada, é triste notar a falta de cuidado com nossas coisas até mesmo pelas instituições, as quais, prioritariamente, caberiam a guarda de nosso passado. Aproveito tal observação para tentar justificar a ausência de fatos da vida de Pelé que, infelizmente, se perderam com o tempo ou não puderam ser comprovados.

Esta modesta publicação, pelos motivos acima elencados, é muito mais uma homenagem a um homem simples que representou e representa, em minha opinião, condignamente, os milhares de policiais militares espalhados nos mais diversos rincões brasileiros, especialmente na Bahia, os quais, espero, devem ter na pessoa do biografado o exemplo vivo, felizmente, de como a inspiração e o talento voltados para o servir ao povo podem perfeitamente vencer a mediocridade.

Capitão PMBA Raimundo Marins

Capítulo I

Parecia que aquela tormenta não teria mais fim. Todos os dias era a mesma e extenuante jornada sem que nada fosse capaz de alterá-la. O sofrimento aparecia durante todo o dia, se fazia presente em qualquer oportunidade, podia ser no início ou no final da manhã, durante a tarde, e já ameaçava se alastrar até pela noite. Nada, nem ninguém, até o momento, fora capaz de resolver a questão, que de tão importante já ganhara as páginas dos jornais, o noticiário das emissoras de TV e as resenhas radiofônicas da cidade. Mais ainda, virara assunto nas rodas de amigos, nas conversas entre vizinhos, no comércio, nas escolas, enfim, em todos os locais da Salvador do início dos anos 70 do século XX.

Realmente, a capital baiana inaugurara uma onda de progresso que, apesar de ainda incipiente, e, por isso mesmo, ainda que abaixo dos padrões das grandes cidades do sul/sudeste, impusera drástica alteração na rotina dos cidadãos soteropolitanos, incorporando uma novidade desagradável à vida da cidade: o congestionamento do trânsito.

Já era comum em muitas vias da cidade a formação de longas filas de automóveis que por muito tempo

avançavam poucos metros, quando não permaneciam simplesmente parados por longos períodos, travando a vida da população e irritando a todos, pouco livres desse incômodo. Embora ainda guardando resquícios da Salvador provinciana e bucólica, a velha Capital da Bahia parecia despertar celeremente para o desenvolvimento, caracterizado, sobretudo, pela revolução resultante da novel indústria automobilística, que fazia o sonho do carro próprio descer a padrões mais fáceis de ser atingido, aliado a inequívoca facilidade que o veículo oportunizava quando transformado em ferramenta de prestação de serviços, os mais diversos possíveis. Tudo isso somado à produção e preços de petróleo que favoreciam o quadro. Por outro lado, as necessárias obras viárias que comportassem o novo padrão da urbis aconteciam fora do ritmo desejável. Acrescente-se a tudo isso, a topografia da cidade, com suas íngremes ladeiras e ruelas apertadas, antes, inspiração do cancionista popular e propaganda de boa vivência. A pitada de ingrediente final respondia pelo espantoso número de cerca de setenta e cinco mil veículos circulando pela cidade naquele período. Tudo funcionava como um complicador a mais no caldeirão em ebulição que se transformara a mobilidade urbana da Capital baiana.

Ante esse quadro desgastante, as autoridades justifi-

cavam o problema a partir de uma conjunção de fatores: havia poucas áreas específicas para estacionamento, sendo que os de natureza particular chegavam a cobrar a bagatela de 17 mil cruzeiros pela aquisição de um box, ao passo que o aluguel mensal chegava ao absurdo de Cr\$ 400,00 (quatrocentos cruzeiros); os terminais de ônibus eram pessimamente posicionados; os coletivos eram insuficientes, ineficientes e desconfortáveis; as repartições públicas eram aglomeradas no centro da cidade, aumentando a demanda de usuários em poucos locais; o comércio era concentrado em diminutas ruas centrais etc.

Como medida emergencial, procuravam mobilizar contingentes de agentes públicos para organizar a circulação de veículos. Na formação desses quadros, grupos de policiais militares eram especializados para cuidar quase que exclusivamente do trânsito, atuando nas vias soteropolitanas em geral, enfatizando as mais problemáticas no particular. Natural que, em razão do quadro desordenado descrito acima, a atividade não fosse das preferidas pelos profissionais de polícia. Em algumas ocasiões era vista até mesmo como castigo, de sorte que seu desempenho não era objeto de maiores entusiasmos. Restava aos que a exercitavam a necessidade de se municiar de altas, altíssimas doses de paciência,

componente que diante das dificuldades apresentadas parecia mesmo a mais sensata solução.

Entre todos os locais atingidos por aquela praga moderna, um, pela multiplicidade de destinos que sua construção proporcionava, assumia contornos especiais. Não era necessariamente uma localidade de alto padrão socioeconômico, entretanto, a alta concentração de veículos na rotatória da Ladeira dos Galés, confluência que possibilitava acesso ao Dique do Tororó, a Ladeira de Nazaré, às ruas Djalma Dutra e Joana Angélica, esta por intermédio da Ladeira da Fonte, remontava naquela época ao Inferno de Dante. Interessante lembrar que, naquele momento, a expansão viária de Salvador ainda não havia sido executada, fato que ocasionaria por muitos anos o acúmulo de veículos em vias despreparadas para tanto, em especial pela inexistência das avenidas de vale, artérias que muito desafogaram as ruas principais, ao menos até há pouco. O trânsito de veículos que subia e descia em direção aos bairros de Brotas, Sete Portas, Nazaré e Centro, além das adjacências, fluía desordenadamente, de maneira que muitas vezes tinha-se a impressão de que era impossível regular o fluxo de forma civilizada. Especialmente no trajeto de subida das ladeiras mencionadas, onde os veículos, principalmente os lentos e ultrapassados ôni-

bus, se viam obrigados a diminuir a velocidade, e, por conseguinte, a desordem viária se generalizava. Ao mesmo tempo, todos queriam vencer as vias minúsculas, o que ocasionava, acentuadamente nos horários de pico, uma confusão dos pecados. A consequência era a mesma dos dias de hoje: buzinas estridentes em todos os sentidos; motoristas estressados bradando improperios; pedestres desorientados etc. Como se não bastasse, o número de estudantes era considerável, haja vista a concentração de colégios públicos tradicionais em grande número naquelas imediações: Central, Severino Vieira, Maria Quitéria dentre outros, o que transformava o simples ato de atravessar uma rua em um exercício arriscado de sobrevivência. Só havia naquela Babel um único ponto de convergência: todos reclamavam. Essa adição de fatores retratava perfeitamente um quadro de caos difícil de solucionar.

Como sempre acontece nessas situações, era curioso observar que as pessoas, após algum lapso de tempo, de certa forma exibiam uma postura conformista em face do problema. Parecia que a dificuldade se impunha à coletividade determinando uma adequação ao obstáculo apresentado. O objetivo de todos era, pura e simplesmente, ultrapassar aquele logradouro por demais problemático e seguir em suas vidas. Mesmo que o fato

rendesse lamentações, preciosos períodos no interior dos transportes coletivos e automóveis particulares, nada de efetivo existia para erradicá-lo, minimizá-lo ao menos. De igual forma, os profissionais colocados para controlar a situação já haviam se acostumado a conviver com ela, mantendo rigorosamente a rotina cotidiana naquele verdadeiro sanatório. Importava muito mais cumprir o horário determinado de trabalho que exaurir as forças sob o sol escaldante ou a chuva insistente das nossas estações. Uma vez que não havia solução a vista, se fazia necessário um distanciamento prudente do problema, afinal não seria difícil o sujeito simplesmente enlouquecer ao se envolver demasiadamente naquela desordem. Tal entendimento, tácito, logicamente, mantinha as



A complicada Ladeira dos Galés foi um dos primeiros desafios do Guarda Pelé.

aparências com relação ao serviço, embora nada mudasse de lugar. E o problema ia se arrastando preguiçosamente, sem nenhuma perspectiva de modificação.

Era preciso que algo novo surgisse, algo que certamente não fora tentado, mesmo porque quase tudo já fora feito, sem sucesso. Mudança do pessoal empregado, novo direcionamento das vias, até mesmo a colocação de dois policiais militares no mesmo posto de trabalho objetivando disciplinar o trânsito. Nada adiantara. O fenômeno persistia, desafiador, impávido.

Mas essa coisa nova existia, e em breve faria esse quadro se modificar.

Capítulo II

A bem da verdade, a solução daquele tumulto que se desenrolava no trânsito de Salvador daquela época surgira há décadas. Precisamente aos dezoito dias do mês de novembro do ano de 1936, o menino Armando Marques da Silva via a luz do mundo pela primeira vez. O filho de D. Salustiana Maria da Silva, que tirava o sustento familiar do árduo trabalho de lavadeira, nunca chegou a conhecer o pai, José Marques dos Santos. Nascido em Salvador, na maternidade Climério de Oliveira, residia na área central da cidade, precisamente no bucólico bairro do Barbalho. A família, integrada por mais dois irmãos homens, dispunha de poucos recursos, o que os obrigou a trabalhar duro desde cedo, a fim de garantir o mínimo para subsistirem. Consequentemente, a infância de Armando não produziu maiores e alegres lembranças próprias dessa fase da vida, salvo a harmoniosa convivência no pequeno e pobre lar. Essa mesma necessidade forçou o menino, à época com 12 anos, a migrar para a cidade de Ilhéus, atendendo o convite de um padrinho detentor da propriedade de algumas terras.

Lá, a adaptação, inicialmente, mostrou-se difícil. Armando, oriundo do meio urbano da maior cidade da Bahia, nada entendia da vida no campo, em torno do qual gravitava a maioria das atividades desenvolvidas pelos habitantes do local. Serviços como montaria, ordenha, semeadura e colheita, entre tantos outros pertinentes ao meio rural, eram completamente desconhecidos do moleque acostumado a percorrer as ruas, ladeiras, becos e vielas de Salvador. Vencer esse obstáculo tornou-se uma tarefa gigantesca que exigiu dele bastante força de vontade, força física e dedicação. Particularmente arriscado, o rito de passagem imposto ao novato trouxe-lhe um trauma difícil de ser superado. A missão consistia em arrear uma montaria, um jumento demasiadamente indócil, que em nada facilitava o serviço. Resultado: Armando evitava até mesmo circular nas proximidades do curral, estranhamento que demorou bastante a ser vencido. Demonstrando a capacidade de superação que futuramente mudaria o rumo de sua vida, Armando, paulatinamente, foi se incorporando à rotina do lugar, de forma que em tempo bastante razoável dominou quase todos os fundamentos necessários aos trabalhos anteriormente antipatizados. Tais fatos poderiam influir decisivamente na vida do já adolescente. Quis o destino, no entanto, que o

rumo dos acontecimentos sofresse uma guinada radical, colocando nosso personagem no caminho inicial da fama que o notabilizou.

Capítulo III

O ano já era o de 1955. Sem maiores opções de ocupação profissional, Armando resolveu se alistar no Tiro de Guerra nº 240, sediado na Terra de Gabriela. A carreira militar o empolgou e ele pretendeu dar continuidade à nova atividade. Foi classificado como soldado infante na função de volteador, que correspondia ao trabalho daquele que era encarregado de voltear o inimigo à frente, informando à retaguarda. Não demorou a demonstrar curiosidade por outros serviços da caserna e conseguiu aprender o ofício de armeiro, para o qual passou a ser requisitado com frequência. De comportamento ordeiro, disciplinado e prestativo, o soldado Armando cativou a todos, situação que gerou distinção entre os demais colegas de farda. Em que pese a rotina estafante do quartel, Armando gostou da labuta militar. Em pouco tempo já se acostumara a acordar cedo, fazer a barba, cuidar rigorosamente do uniforme, apresentar-se para o serviço, seguir as instruções de ordem unida, entre outros afazeres característicos do cotidiano de uma organização nesses moldes. Para ele, cujas oportunidades na vida, até então, se subsumiram à lida no campo, o novo universo representava a oportu-

tunidade de abertura de portas ainda desconhecidas. A reforçar tal entendimento, ainda conseguiu fazer um curso de motociclista militar, ensinamento que o auxiliaria em muito no futuro, embora ele ainda não tivesse a menor suspeita do que ocorreria. Quem sabe dali não sairia o indicativo da trajetória a ser empreendida rumo ao futuro?

O que Armando não sabia, contudo, era que, mesmo dentro da estrutura castrense, seu caminho estava traçado de forma distinta daquela que estava vivenciando até aquele momento. O fim do período máximo permitido para o engajamento chegou e trouxe a reboque o encerramento da prestação do serviço militar no Tiro de Guerra. Como Unidade de pequeno porte dentro do Exército Brasileiro, não havia condições de absorção da mão de obra trabalhada ao longo do período, de sorte que praticamente todo o contingente era dispensado, sem possibilidade de aproveitamento na instituição.

Armando labutou durante dois anos em busca de ocupação. Mas Ilhéus era uma cidade sem maiores possibilidades de crescimento profissional. Com a riqueza concentrada nas mãos dos latifundiários, haja vista a quase exclusividade que a agricultura assumia em toda a região, prioritariamente direcionada a monocultura do cacau, era extremamente complicado conseguir um

trabalho em outros setores. A indústria praticamente inexistia e o comércio era atrelado aos poderosos. Ainda agravava a situação a pouca escolaridade de Armando, detentor apenas da antiga 1ª série. Com o tempo, não lhe restou alternativa, a não ser retornar à Salvador. Lá, na Capital, contando com um mercado de trabalho mais abrangente, embora longe de ser ao menos satisfatório, haveria de achar algum trabalho decente, e, enfim, seguir a vida.

Capítulo IV

O ano de 1959 chegou sem trazer nenhuma modificação considerável na vida de Armando. Continuava sem emprego definido, enfrentando grandes dificuldades para garantir a sobrevivência. Até que um dia um amigo lhe indagou sobre a possibilidade de ingressar na Polícia Militar da Bahia.

Armando, a princípio, detestou a ideia. Havia servido ao Tiro de Guerra por quase quatro anos e não nutria simpatia pelo serviço policial-militar. Nem as facilidades proporcionadas aos que prestavam serviço militar nas Forças Armadas, dispensados da maioria das formalidades exigidas para os oriundos do mundo civil que pretendiam candidatar-se à função, o encorajou. Sem seu consentimento, esse mesmo amigo o inscreveu no processo simplificado de seleção. Mesmo assim, Armando faltou a uma das etapas de avaliação, o que, contrariamente ao que se poderia esperar, contribuiu para apressar sua admissão no serviço público. Por fim, a 10 de fevereiro de 1960, Armando Marques da Silva, na qualidade de voluntário, alistou-se na PMBA, sendo incorporado em 10 de maio do mesmo ano.

O agora soldado Armando, da Polícia Militar da

Bahia, foi destacado para servir primariamente no denominado Regimento 2 de Julho. Cabia à Unidade o serviço de policiamento de duplas conhecido como “Cosme e Damião”, além de policiamento de estádios, dentre outros. Armando adquiriu uma bicicleta, meio de transporte bastante popular da época, que gostava de enfeitar com diversos penduricalhos.

Era a atração inclusive perante as garotas das proximidades de sua residência ou mesmo da caserna. Certo dia, ao dar carona a duas amigas, coincidentemente louras, adentrou ao quartel e foi severamente advertido pelo comandante.

Esse episódio marcou a denominação pela qual ficaria conhecido pelo resto da vida: Pelé. Sem sombra de dúvidas, o fato de ser negro e possuir certa semelhança com o rei do futebol, além da predileção por mulheres brancas, serviram para fixar-lhe o apelido. Logo após, Pelé se casa pela primeira vez, vindo a fixar residência na Rua do Castanhêda, bairro de Nazaré. No ano de 1966, foi transferido para o Batalhão de Manutenção - BMnt, comandado pelo tenente-coronel Humberto Sturaro, Unidade que funcionava na Guarnição da Vila Policial-Militar do Bonfim e na qual permaneceu até o ano de 1968. Dali foi transferido para o 8º Batalhão da Polícia Militar, sediado em Água de Meninos.

Contrariamente aos dias atuais, era à PM que cabia a tarefa de administrar o trânsito de veículos nas vias sob a responsabilidade do Estado, além dos municípios. Na Capital, cumpria ao 6º Batalhão da Polícia Militar desempenhar a missão, atuando na malha viária de toda a cidade do Salvador. Armando iniciou seu trabalho na região do Largo dos Mares, desde a Avenida Fernandes da Cunha. Era um serviço bastante desgastante, que exigia horas a fio embaixo do sol ou da chuva, na maioria das vezes sem o devido reconhecimento ao desempenho da árdua missão. Com o passar do tempo, mudou residência para o bairro de Cosme de Farias, o que acarretou maior desgaste em virtude do deslocamento até o local de trabalho e vice-versa. Nesse deslocamento era obrigatório passar sempre pela Ladeira dos Galés, importante via de ligação de bairros próximos do centro de Salvador com outras localidades, e Armando notava a dificuldade diária dos policiais militares de serviço naquela artéria. O congestionamento rotineiro vencia os dias e desafiava as soluções apresentadas. Ansioso em diminuir seu trajeto até o posto de serviço, procurou seu comandante imediato e solicitou transferência do local de serviço para o problemático lugar, o que obrigatoriamente implicava em nova transferência, desta vez para o 6º Batalhão.

Curioso, seu superior hierárquico quis saber o porquê de tal atitude, o que foi esclarecido por Armando.

Como resposta, foi avisado que aquele lugar era reservado aos profissionais que possuíam comportamento inadequado, em outras palavras, o benefício almejado por ele era uma forma de castigo aos maus policiais militares. Armando insistiu, aguardou e foi atendido. Essa simples movimentação iria modificar completamente sua vida.



Pelé na juventude

Capítulo V

Uma vez atuando no local que solicitara, Pelé direcionou sua preferência de trabalho para a ladeira mais problemática da cidade. A facilidade com que foi contemplado dá bem a medida do verdadeiro “abacaxi” que o aguardava. Assim que se viu naquela confusão infernal, foi que Pelé se deu conta da imensidão do trabalho que teria pela frente. Tal era a proporção que para tentar solucionar o problema foram escalados dois, três, até mesmo quatro PM, sem êxito. O quadro era potencializado pelo descompromisso de alguns colegas de trabalho, que em muitas oportunidades simplesmente abandonavam o posto de serviço, na maioria das vezes impotentes aos acontecimentos. Pelé, novo no local, sentia-se desconfortável com toda aquela situação. As queixas dos populares o incomodavam demasiadamente. Era preciso fazer alguma coisa que solucionasse o enigma que se tornara o fluxo do trânsito naquela área.

Pelé passou a observar acuradamente a geografia da região. Notou, ao contrário do esperado, que vários prepostos de trânsito no posto não melhoravam a situação. Os gestos eram dessincronizados, não havia comunicação definida entre eles, de forma que a medida

se tornara inócua. Os condutores irritavam-se com facilidade diante da profusão de gestos, apitos e sinais, que contribuía mais para confundir que esclarecer. A PM, atônita com o problema, adotara, inclusive, algumas banquetas de madeira sobre as quais os profissionais de trânsito se equilibravam, cujo objetivo era proporcionar que os motoristas visualizassem melhor o agente público escalado para regular o ir e vir das pessoas e dos veículos, entretanto os resultados esperados não foram alcançados.

Ao fim do dia, já em casa, passou a ensaiar uma forma de centralizar todo o aprendizado prático que adquirira em um gestual diferente, mais enérgico, direto e claro. Para tanto, utilizou o que já dominava fartamente: os movimentos militares. Percebeu que empregando a meia-volta, movimento destinado a fazer com que o militar, ou a tropa composta destes, girem cento e oitenta graus sobre os calcanhares, poderia mover-se nas várias direções com mais rapidez. Da mesma forma, intuiu que os sinais sonoros executados pelo apito, já regularmente adotados no controle do trânsito, seriam mais facilmente assimiláveis se seguidos por movimentos mais efusivos dos braços e das mãos. Alguns gestos aprendidos assistindo as exposições dos filmes de karatê, dos quais Pelé era fã e assíduo frequentador nas ses-

sões do cine Jandaia, na Baixa dos Sapateiros, foram incorporados aos movimentos, os quais, exaustivamente treinados, lhe deram a convicção que poderia contribuir para modificar a realidade de seu posto de trabalho. Diante do espelho, ao mesmo tempo seu crítico e seu aliado, usou e abusou do gingado, das expressões, dos gestos etc., enfim, de tudo que construiu em prol de seu objetivo.

Existia um empecilho de monta para o efetivo funcionamento daquele plano. Pelé sabia que a modalidade inventada por ele se constituía em uma transgressão disciplinar, pelo simples fato de não constar em nenhum manual de policiamento ou plano de controle de trânsito. Nada daquilo era aprovado, sequer tinha levado suas pretensões ao conhecimento de seus superiores. O comandante de seu batalhão, à época, era conhecido pelo rigor disciplinar, mesmo outros oficiais da mesma patente o temiam. Não havia chance, no entender de Pelé, que o que tramava fosse encarado com naturalidade e aceito sem dificuldades. Apesar disso, Pelé estava disposto a correr os riscos. Sonhava com aquilo dia e noite, a coragem faltou em algumas ocasiões que julgou possível colocar o plano no campo prático, mas era tudo uma questão de aguardar o tempo certo.

E ele chegaria.

Capítulo VI

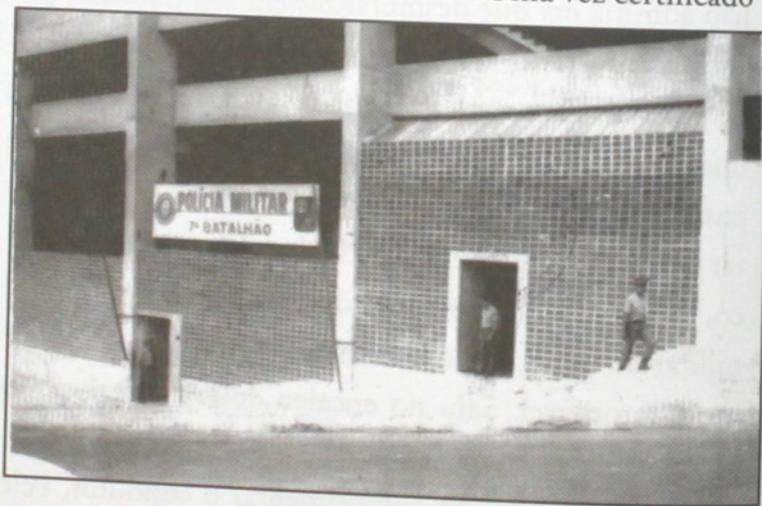
Enquanto não se decidia sobre a transposição teórica para a prática, Pelé ia desempenhando seu ofício de maneira, se é que se podia chamar assim, tradicional. Era difícil controlar o fluxo naquela área, mas procurava fazer o que podia.

Certo dia, ao interromper o tráfego dos veículos que desciam a Ladeira dos Galés, Pelé foi surpreendido por um motorista que desobedeceu tal sinalização e avançou em direção à Ladeira da Fonte das Pedras, via que possibilitava acesso ao centro da cidade, por isso mesmo bastante movimentada. Se havia uma coisa que Pelé não admitia era que desmoralizassem seu trabalho, por isso mesmo tratava a todos com a máxima urbanidade possível. Dentro dessa linha de atuação, não pensou duas vezes: solicitou de imediato a um motorista que passava no local que o apoiasse no sentido de interceptar o infrator. Já contando com a simpatia do público, que gradativamente o reconhecia como um policial militar diferenciado, não teve dificuldade em embarcar num automóvel. Saiu no encalço de seu objetivo e o abordou na Avenida Joana Angélica, sem maiores dificuldades iniciais. Ao cumprimentar o condutor, Pelé

observou que no banco traseiro do veículo um senhor de terno e gravata lia tranquilamente um jornal, parando por alguns segundos para saber daquela ação e retornando em seguida ao afazer que interrompera brevemente. O motorista, entretanto, resistiu a entregar a documentação solicitada, no que Pelé, energicamente, mas sem excessos, insistiu. Ouviu então, do passageiro, uma ordem que o intrigou:

- Motorista, eu nunca dei ousadia a nenhum servidor à minha disposição para desobedecer a ordem de qualquer guarda de trânsito. Dê ao policial o que ele está pedindo.

Contrariado, o motorista do veículo passou-lhe a documentação pessoal e a do veículo. Uma vez certificado



Sede do antigo 7º batalhão da PM – Fonte Nova

da regularidade de ambos, Pelé resolveu liberar o infrator. Antes, porém, o admoestou, de sorte a fazê-lo refletir sobre sua conduta, postura que sistematicamente adotava e que tinha por objetivo conscientizar o condutor e torná-lo um aliado na questão do trânsito.

Findada a atuação, Pelé despediu-se dos ocupantes do automóvel e retornou à sua rotina.

Uma semana após, em um sábado pela manhã, Pelé cumpria mais um compromisso de trabalho na PM.

Dessa vez chegara cedo para a parada mensal instituída pelo comandante do batalhão. Como de costume, posicionou-se em forma entre seus pares e aguardou o início da cerimônia. O que viu dali a pouco o deixou estupefato: com alguma dificuldade, reconheceu o senhor que ocupava o banco traseiro do veículo abordado dias antes, o qual Pelé perseguira e abordara em razão da infração cometida, adentrar ao pátio em que a parada se desenrolaria, devidamente acompanhado, nada mais, nada menos, por toda a oficialidade da Unidade. Pelé também não deixou de observar as mesuras que eram destinadas ao visitante. Claro que em sua mente as deduções não foram as melhores possíveis. Não obstante a convicção que agira dentro da legalidade, imaginou que aquele distinto senhor (sabe-se lá

quem poderia ser) não deveria ter ficado satisfeito com a abordagem em plena avenida e, certamente, queixara-se ao comando do batalhão. As suposições sobre a consequência do fato emudeceram o falante guarda.

Pelé procurou manter a calma, mas o chamamento do comandante do batalhão ainda no início da parada quase o paralisou por completo. Pelé saiu de forma, receoso, e dirigiu-se ao lugar reservado onde estavam as autoridades. Após apresentar-se, recebeu ordens de se posicionar à frente da tropa e esperou o que imaginava ser uma sentença. Mas a motivação daquilo tudo era outra.

- Soldado Armando - exclamou em tom alto e firme o comandante -, você está de parabéns. Estamos recebendo a visita do Exm^o. Senhor Desembargador Nicolau Calmon, presidente do Tribunal de Justiça do Estado da Bahia. A visita, além de estreitar os laços de cordialidade, tem por objetivo lhe parabenizar pela postura firme e respeitosa praticada por você quando da abordagem ao veículo ocupado por Sua Excelência, o Dr. Nicolau. Que tal atitude sirva de exemplo aos demais integrantes do batalhão!

Evidente que àquela altura Pelé mal se sustentava em pé. Mas a inquietação deu lugar à satisfação quando

o desembargador em pessoa veio cumprimentá-lo. E as surpresas foram além: Pelé foi convidado pelo Desembargador para assumir o posto de chefe de garagem na sede do TJ, função que, segundo aquela autoridade, estava a precisar de um profissional com as características que observara e pesquisara na pessoa do soldado Armando. Pelé, de imediato, aceitou o convite.

Apesar de tudo, o fato é que a atuação de Pelé para o posto que fora convidado se mostrou longe de suas expectativas. O serviço exigia um rigor acima da normalidade com relação à liberação das viaturas do TJ, contrariando inúmeras vezes pedidos de juízes e outros desembargadores, de maneira que Pelé tinha que exercitar toda a sua diplomacia, afinal sabia o peso de desagradar autoridades daquele porte. Outro aspecto era que as gratificações prometidas não vieram, o que o deixou desapontado, em vista da expectativa despertada pelas promessas recebidas. Por fim, a saudade do trânsito e da convivência fraterna já construída com a população o fez solicitar o retorno ao serviço das ruas, aquilo que verdadeiramente o estimulava.

O resultado foi que em fevereiro de 1969, menos de um ano depois de aceitar o convite, Pelé retornou definitivamente ao local de onde não deveria ter saído.



Pelé e as crianças: atração recíproca desde cedo

Capítulo VII

Passado o episódio, Pelé continuou a vivenciar sua rotina. O trânsito na Ladeira dos Galés e adjacências fervilhava. Um desavisado poderia imaginar que alguém passara uma trava nas diversas vias de acesso.

Como costumeiramente faziam quando as coisas se complicavam de vez, os soldados de serviço se recolheram, parecendo aceitar a máxima que diz “o que não tem remédio, remediado está”. Passaram do estado atuante ao contemplativo, conformados com a impotência ante o caos. Pelé, embora incomodado com aquilo tudo, até mesmo para não melindrar os companheiros mais antigos no serviço, permanecia discreto. Em dado momento, um deles sugere que o grupo se desloque até uma lanchonete próxima, ali na Rua Djalma Dultra, a fim de degustarem um cafezinho e ver os ponteiros do relógio, quem sabe, andarem mais rápido. Talvez assim, quando voltassem, a confusão já teria se desvanecido. Convite aceito por todos, exceto um: Pelé não só ficou no local como indagou dos colegas se existiria algum impedimento em que ele, sozinho, atuasse na ausência dos demais. Apesar de inicialmente estranharem, não houve nenhuma ressalva na aceitação daquele aparente

ato de desatino. Os comentários irônicos davam bem a medida do desconhecimento de todos quanto às verdadeiras intenções do autor do pedido. Logo, o grupo se afastou em direção ao café e deixou Pelé rumo à construção de sua história.

Era agora! Pelé sentiu um tremor nas pernas. Estava prestes a desencadear o plano que meticulosamente elaborara durante meses a fio, tendo como companhia o amigo espelho, o único que sabia de suas pretensões.

Já sabia onde se colocar. Foi justamente ao centro da rua, em local amplamente visível por quem trafegava em qualquer das direções. Após respirar fundo e fazer o sinal da cruz, Pelé começou a mostrar ao mundo os símbolos que o tornariam, a partir daquele dia, famoso.

Inicialmente devagar, de maneira a adquirir confiança, Pelé inaugurou o repertório de gestos direcionados ao trânsito sem se importar com a assistência. Verdade que nos primeiros instantes os curiosos que se aglomeraram, em número pouco significativo, julgaram que aquele guarda havia surtado. Afinal de contas era incomum à vista de todos um policial militar bailando em todas as direções, trilhando o apito sem parar e não economizando nos gestos bem chamativos. As reações iam do estranhamento puro e simples ao riso. A verda-

de é que, naquele momento, poucos se incomodaram com o resultado prático daquela ação, importava mais apreciar o ineditismo da apresentação. Mesmo os companheiros, quando retornaram, assumiram ares de descontração com o acontecimento. Mas estava iniciada a era do “guarda Pelé”.

Nos dias que se seguiram, passada a tensão da primeira vez, Pelé se sentiu mais a vontade para executar seus passos no trânsito. Pouco a pouco, as pessoas passaram a notar mais consistentemente seu desempenho.

O que é melhor: o trânsito como um todo assimilou aquela forma inédita de trabalho, passando a fluir com mais tranquilidade. Pelé, como que em transe, desdobrava-se na condução da atividade, praticamente ignorando os companheiros do local de serviço. Passou a ser cumprimentado pelos motoristas e transeuntes.

Ambos passaram a observá-lo demoradamente, exigindo maior atuação de sua parte, a fim de que o tráfego não congestionasse, agora por motivos diferentes.

O que atraía era ele.

Não demorou para que os movimentos da nova atração se incorporassem ao dia a dia da população circulante daquelas vias. Natural que a fama do guarda aumentasse na mesma proporção. Já era visível o in-

cremento de populares nas imediações de onde Pelé se apresentava, parecendo até que havia hora marcada para o espetáculo. O melhor é que o objetivo original de todo esse frisson fora atingido. O tráfego de veículos, antes tumultuado, agora fluía civilizadamente, desde quando o maestro do espetáculo, claro, lá estivesse.

O termômetro do sucesso para Pelé eram os cumprimentos. A população, antes resistente ao trabalho desempenhado pela PM no trânsito daquele lugar, agora se desdobrava em agradecimentos, fazendo questão de parar os veículos, nem que fosse por poucos segundos, no intuito de cumprimentá-lo pelo trabalho. Assim também procediam os pedestres, esses até geravam alguns problemas na medida em que se aglomeravam nas proximidades do ponto de atuação do controle de trânsito. Nessas ocasiões, quando a coisa extrapolava os limites, Pelé exercitava toda a sua paciência, atitude que o aproximava ainda mais dos assistentes. Indistintamente, homens e mulheres, jovens e idosos, estudantes, trabalhadores e desocupados se alternavam naquela plateia ávida pelas coreografias daquele homem do povo, imbuído da autoridade de policial, transformado em artista do apito, bailando com destreza no controle das máquinas automotivas de Salvador, cujos condutores a ele atendiam placidamente, como se estivessem também hipnotizados.

Capítulo VIII

Como nem tudo é perfeito, Pelé vivia sobressaltado com a possibilidade da descoberta de seus nada ortodoxos métodos por parte de seus superiores hierárquicos.

Sabedor da rígida disciplina dos quartéis, passou a se preocupar em identificar os veículos de autoridades que por lá circulavam. Naquele tempo, o posto em que ele trabalhava era quase que passagem obrigatória de inúmeras autoridades, especialmente as militares, em razão da inexistência das avenidas de vale, que em muito desafogaram vias antes problemáticas. Nessas ocasiões, ao detectar à distância um veículo que ao menos lembrasse o de um desses cardeais, a transformação era imediata.

Como que por encanto Pelé retornava ao estado original, reempregando os métodos de trabalho tradicionais cada vez mais difíceis de serem por ele utilizados. Após o automóvel desaparecer ele retomava sua coreografia, não sem antes recuperar o fôlego, a fim de se refazer do susto. Na verdade, ele sabia que em alguma oportunidade esse confronto iria acontecer. Mesmo convicto que seguia o caminho certo, afinal de contas os resultados estavam à vista de todos, o temor de uma represália que

colocasse tudo a perder era enorme. Por isso era melhor nem pensar e continuar fazendo o que ele mais gostava.

Nisso, aliás, residia o ponto crucial de seu trabalho: Pelé adorava o que fazia. Comumente saía do serviço encharcado de suor, exausto. Mas bastava chegar o dia seguinte e contava as horas para assumir sua tarefa. Depositava amor naquela labuta, sentia-se cada vez mais útil e mais popular, detalhes que revigoravam sua vontade de trabalhar.

Por outro viés, uma coisa que não o agradava era multar o infrator. Pelé acreditava que o diálogo era a melhor forma de convencer o cidadão mais resistente a cumprir o que a lei determinava. Via diariamente seus companheiros de farda e de serviço regozijarem-se com a aplicação de penalidades que acreditava serem exageradas, tornando a atuação do preposto de trânsito, antes de tudo, antipática. Poderia, inclusive, estar errado, mas nunca se deparara com uma situação que um bom diálogo não resolvera. Por isso mesmo, resolvera trabalhar daquela forma.

Mas as surpresas para o novo aspirante a astro não paravam de acontecer. Em uma dia bastante chuvoso, detalhe que não diminuía o entusiasmo de Pelé no apito, mesmo que trabalhasse sem uma capa adequada para

se proteger, eis que ao fechar o trânsito em determinada direção o inesperado, que há tempos se avizinhava, aconteceu. Um veículo oficial, com uma miniatura da bandeira do Brasil tremulando num pequeno mastro preso ao para-lama, ficou parado na via determinada pelo nosso profissional. Assustado, Pelé ainda tentou liberar o fluxo daquele sentido, contudo, percebeu que se assim o fizesse poderia causar um acidente. O senso de responsabilidade foi mais forte e apesar do medo quase lhe paralisar as pernas continuou na mesma atitude. Segundos que pareceram intermináveis, minutos se passaram até que foi possível liberar a via em que se encontrava o temido automóvel, sem comprometimento ao serviço. Na passagem deste não foi possível identificar seu ocupante, apenas visualizou de relance o motorista no banco dianteiro, um militar do Exército Brasileiro. Qual não foi a surpresa, que desta vez lhe fez o coração quase saltar pela boca, quando o auto, após percorrer alguns metros adiante, estacionou ao lado da guia da calçada e do seu interior desceu um sargento do Exército Brasileiro que veio em direção ao assustadíssimo guarda.

Diante dele, Pelé prestou-lhe a devida continência e ouviu, desconfiado:

- Soldado, você sabe quem está ali naquela viatura?
- Não senhor, seu sargento!
- Pois é o general comandante da 6ª Região Militar. Venha até aqui, pois ele quer falar com você.

Se já estava assustado, Pelé mal conseguia caminhar até o veículo. Em sua mente já se imaginava punido pela ousadia em inovar no trânsito. Foram metros percorridos como se fossem quilômetros. Ao olhar o interior da viatura militar, Pelé sentiu a vista escurecer quando enxergou a quantidade de galões nos ombros do oficial ocupante do banco traseiro. A lembrança dos tempos de soldado do Tiro de Guerra de Ilhéus reavivou-lhe a mente, reconhecendo de imediato o distintivo do general. Quando, afinal, parou ao lado da janela do carro, apresentou-se àquela autoridade com toda a rigorosidade que pôde reunir.

Restou apenas esperar a reprimenda por suas manobras ou, quem sabe, o indicativo de algo pior. Foi com indistigável desconforto que ouviu uma voz grave indagá-lo:

- Soldado, onde você aprendeu a trabalhar assim?
- Senhor General, não foi ninguém que me ensinou. Eu mesmo que inventei!

O general Abdon Sena parou de falar, observou Pelé

por alguns instantes, como se soubesse a tensão que dominava o corpo e a alma do trêmulo guarda, e depois decretou:

- Pois você está de parabéns. Já estive em quase todos os estados brasileiros e em vários países do mundo e nunca vi ninguém trabalhar dessa forma, com essa competência. Gostei de sua atuação. Caso você precise de qualquer coisa, me procure.

Após os cumprimentos e a despedida, Pelé sentiu como se uma tonelada fosse retirada de seus ombros. O alívio foi tão impactante que retornou ao trabalho com o ânimo triplicado.

Se a surpresa tinha sido grande, alguns dias após ela foi superada. O mesmo veículo, trazendo a bordo os mesmos ocupantes, parou no mesmo local e novamente o sargento o chamou à presença do general. Após os cumprimentos, Pelé foi presenteado pela autoridade com uma capa de chuva, nos dizeres do general para que "ele trabalhasse mais confortável". Pronto, a primeira prova de fogo havia sido vencida. O aval de uma autoridade daquele porte, em plena vigência dos governos militares, era um passo grandioso na aceitação do seu modo de trabalhar.

Capítulo IX

Salvador amanhecera diferente naquele 3 de novembro de 1968. Verdade que o verão daquele ano em nada diferia dos anteriores. O sol escaldante compareceu como o fizera nos dias precedentes, mas em nada alterou as expectativas de toda a população. Ainda que respirando ares provincianos, nossa Capital despertara sob os auspícios de um acontecimento que conectava a terra-mãe do solo brasileiro ao mundo. A enormemente propagada visita da soberana inglesa, a Rainha Elizabeth II, enchera de orgulho e excitação os habitantes da cidade, de sorte que as ruas transbordaram de populares desde as primeiras horas da manhã. Todos buscavam, ao menos, ver a passagem de Sua Majestade. Ela, acompanhada do marido, o Príncipe Philip, desembarcaram do iate "Britannia" no ancoradouro da Capitania dos Portos, no bairro do Comércio, devidamente recepcionados por autoridades civis e militares, sendo homenageados com toda a pompa que tão importante comitiva merecia. Dali seguiram para uma rápida programação, totalizando a permanência na Capital soteropolitana pouco mais de três horas. Ainda assim, o carisma e a simpatia dos baianos se encarregaram de deixar, segun-

do declarações dos próprios e ilustres visitantes, a melhor das impressões. Entretanto, a apertada programação, que incluiu um pequeno culto religioso na sede da Igreja Anglicana, no Campo Grande, uma visita ao Palácio da Aclamação, nas proximidades do mesmo local, e outra, já no encerramento do evento, ao Mercado Modelo, reservara uma participação não prevista pelo cerimonial cuidadosamente elaborado sob as ordens do Governador Luiz Viana Filho.

O fato inusitado ocorreu quando a mandatária inglesa e comitiva já se deslocavam de retorno à embarcação que os levariam aos outros destinos de sua visita, mais precisamente ao Rio de Janeiro. Ao passar pela rua Chile, Elizabeth II e seu numeroso séquito se deparam com um espetáculo diferente, mesmo se considerando o fato de já ter visto, em tão pouco espaço de tempo, pessoas, costumes, hábitos culinários etc., contrários à severa tradição britânica. Um negro elegante, rigorosamente uniformizado, bailava no cruzamento daquela artéria, sinalizando para o tráfego de veículos e pedestres. Sua ágil movimentação absorve, momentaneamente, a atenção da soberana que, admirada, deixa-se entreter candidamente. O tempo exato, que ninguém se encarregou a bem da verdade de cronometrar, talvez não tenha durado um minuto, mas foi mais que sufi-

ciente para embevecer os nobres visitantes. Impossível não notar, e não apreciar, a precisão daqueles gestos, a rapidez das evoluções, o vigor dos braços e das pernas sendo lançados num espaço exíguo. Era, de fato, um espetáculo daqueles, digno de se contemplar com mais intensidade.

Do outro lado, Pelé se esforçava para dar o seu melhor. Sabia que aquele veículo pomposo, adornado com as miniaturas das bandeiras brasileira e inglesa, continha uma carga preciosa. Afinal, vira e ouvira nos dias que antecederam àquele luminoso domingo toda a expectativa que despertara a visita real. Há muito os jornais e as emissoras de rádio e TV só falavam naquilo.

Pelé não se fez de rogado e caprichou na apresentação.

Acontece que seu trabalho exigia uma disciplina acima do normal; uma concentração absoluta na execução da coreografia que o fazia abstrair-se de tudo em volta, sob pena de perder a inspiração e fracassar no objetivo.

O fato é que logo após abrir o fluxo para a comitiva oficial, coisa que aconteceu rapidamente (afinal não era louco de reter uma rainha nas ruas de Salvador) Pelé sentiu o veículo modelo Lincoln 1953 que liderava o cortejo diminuir a velocidade e parar diante de si. Visualizou em seu interior, em carne e osso a Rainha Eli-

zabeth II, alva como uma das poucas nuvens que pairavam naquele dia de sol inclemente. Estupefato, Pelé viu a rainha da Inglaterra estender-lhe a mão, pomposamente protegidas por luvas imaculadamente brancas. Atônito, sua reação imediata foi segurá-la e, quase sem pensar, beijá-la levemente. O sorriso da dignitária o fez ter certeza de que seu gesto fora bem aceito.

Rapidamente, como, aliás, se desenrolara toda a cena, a rainha acenou-lhe, despedindo-se, e o veículo arrancou levemente, seguindo a programação prevista rumo ao ponto de embarque.

Pelé, lógico, voltou para seu afazer radiante. Mesmo porque não é todo dia que se recebe um cumprimento real. Em que pese o fato de ser considerado uma celebridade entre seus conterrâneos, havia sido cumprimentado por nada mais, nada menos, que a Rainha da Inglaterra. Melhor: ela havia admirado sua forma de atuação, e nada o fazia mais orgulhoso que o reconhecimento de seu trabalho, ainda mais por parte de uma autoridade daquela magnitude.

Pena que a assistência não havia sido a ideal e o tempo foi exíguo, mas o fato não deixava de ser positivo.

O maior produto, todavia, daquela breve cena ainda demoraria um pouco a se materializar.

Capítulo X

Passado o impacto inicial de suas apresentações, a rotina de Pelé se modificou. A fama repentinamente adquirida o tornara reconhecido em muitos locais, as pessoas o cumprimentavam mesmo sem conhecê-lo; as crianças o adoravam; os estudantes matavam aula para vê-lo atuar; seu colegas o admiravam e já iniciavam imitá-lo etc. Natural que alterações significativas começassem a acontecer em sua vida. Ele era visto como o ator de um espetáculo pitoresco, que os transeuntes, passageiros e motoristas viam como uma alternativa divertida ao percurso imposto por suas tarefas cotidianas. E o melhor é que seu espetáculo dava certo. Pelé também estava satisfeito em executar o que havia articulado, tendo, ainda, de quebra, resolvido o problema do trânsito do seu local de serviço.

Com o aumento da fama, seu serviço passou a ser mais reivindicado. Atendendo a um pedido do então governador da Bahia, Dr. Luiz Viana Filho, Pelé foi remanejado, ainda no ano de 1971, para a Rua Chile, a artéria mais famosa da capital baiana naquela época, próxima ao Palácio Rio Branco, sede das grandes movimentações políticas daquele tempo. Meses depois, o Po-

der Executivo seria transferido de mãos com a eleição do governador Antonio Carlos Magalhães. Este, desde cedo, se tornou admirador de Pelé e mesmo quando tencionaram retirá-lo do local por motivos nem sempre bem esclarecidos, atuou de maneira a mantê-lo sempre ali. Chamava-o carinhosamente de “Pelezinho”, fazendo questão de cumprimentá-lo sempre que podia. Voltando àquela artéria, por lá passavam desde os estudantes que matavam aula para ver a nova atração ao vivo, os transeuntes que se dirigiam à sorveteria Cubana, tradicional ponto de bate-papo descontraído e de paquera, os políticos frequentadores da Câmara Municipal do Salvador e do citado palácio, até os clientes dos estabelecimentos comerciais mais afamados situados nas adjacências, a exemplo da Farmácia Chile, dos magazines Sloper, Adamastor e Duas Américas, do Palace Hotel e tantos outros.

Como bom admirador dos prazeres da capital, Pelé começou a frequentar a Cantina da Lua, reduto boêmio do Terreiro de Jesus, angariando a amizade de Clarindo Silva; o restaurante Caxixi, no Largo 2 de Julho, tornando-se apreciador assíduo das moquecas de Manoel do Caxixi, e o Mercado Modelo, entre horas de conversas com Camafeu de Oxossi. Frequentava também o restaurante do Moreira, no Largo das Flores,

próximo ainda hoje ao Largo 2 de Julho, e o restaurante Cacique, na praça Castro Alves, em todos os lugares sempre bem recebido pelas pessoas. A vida noturna também lhe atraía, especialmente a casa A Moenda, nas proximidades da Boca do Rio. Outros locais em que varava as madrugadas eram a boate Bual’amour, o Varandá, de Sandoval, o Boteco do Tião, na Boca do Rio, e o restaurante Pá da Baleia, na praia de Armação, notáveis *points* da época.

Chegavam até a oferecer-lhe gratuidade na conta, desde que permanecesse no estabelecimento, haja vista que a simples presença de Pelé proporcionava aumento da clientela. Não demorou para que Pelé se integrasse àquela rotina, passando a ser aguardado ansiosamente por todos. Mais uma vez, tornou-se comum a aglomeração ao redor dele, de sorte que o local em que Pelé se encontrava diariamente passou a ser um disputado ponto de encontro.

Outra consequência do sucesso de suas apresentações foi o aparecimento de imitadores do seu estilo de conduzir o trânsito. Alguns colegas da Corporação, estimulados por tudo que viam, liam e ouviam sobre Pelé, reuniram estímulo para copiá-lo nas ruas de Salvador.

Se não possuíam a desenvoltura e originalidade do

autor, ao menos se esforçavam para cativar a legião de fãs que se rendera ao guarda original. A população, com seu inigualável senso de humor, passou a batizá-los pela alcunha de ídolos do futebol tão conhecidos como o de Armando. Dessa forma surgiram “Garrincha”, “Tostão”, “Ademir da Guia” etc., todos espalhados pelas ruas soteropolitanas e que tiveram seus quinze minutos de fama.

Até a folia carnavalesca voltou-se para o personagem criado nas ruas congestionadas de Salvador. O famoso bloco carnavalesco “Os Internacionais” convidou Pelé



Pelé no Carnaval de Salvador entre integrantes femininas do Bloco Lá Vem Elas

para desfilir como atração no Carnaval do ano de 1971. Desfilir em cima de um trio elétrico era uma forma de prestígio social reservado a poucos. O coronel Delker Rodrigues de Melo, diretor e presidente da agremiação durante anos, juntamente com foliões de peso, a exemplo de Rubinho dos Carnavais, confiou no carisma do guarda de trânsito para enriquecer o desfile.

Pelé, fantasiado de africano, traje escolhido pela agremiação naquele ano, radiante com a distinção em um bloco de elite em Salvador, inovou na brincadeira: de cima do caminhão da alegria, devidamente fantasiado e de apito na boca comandava a multidão em plena Avenida 7 de Setembro, trilando para que esta parasse e depois seguisse dentro do bloco, como se estivesse no exercício da atividade de trânsito. Foi um sucesso.

Ainda arranjava tempo para curtir a noite momesca, especialmente nos clubes Cruz Vermelha, já extinto, e Fantoques da Euterpe. O primeiro marcou época na Praça do Campo Grande e o segundo ainda respira no Largo 2 de Julho, ambos no centro de Salvador. Para variar, era recebido com o máximo de carinho pelo numeroso público presente.

Pelé enfrentava a dureza da baixa remuneração, que acarretava grandes dificuldades para sobreviver com a

mulher e cinco filhos além de sustentar mais seis parentes, todos espremidos em um diminuto imóvel no bairro de Cosme de Farias. Foi obrigado pelas circunstâncias a arranjar uma renda extra, conseguida através de amizades em forma de um emprego de motorista de coletivo urbano, função que desempenhava de zero hora às seis da manhã.

Foi por isso que Pelé viu com muita felicidade o mercado baiano se voltar para ele, em razão da necessidade de explorar as raras atrações existentes na cidade. Algumas empresas de publicidade viram na figura do guarda de trânsito uma oportunidade de veicular os produtos de suas contratadas, abrindo novas perspectivas de propaganda a partir da imagem simpática daquele personagem. Paulatinamente, a população baiana, mesmo que naquela época as televisões fossem artigos de relativo luxo na maioria dos la-



*Um seguidor, o guarda
"Garrincha"*

res, passou a apreciar Pelé divulgando eletrodomésticos, confecções, produtos alimentícios etc. Convidado por mais de uma vez, destacou-se nos programas televisivos mais populares daquele tempo, a exemplo do "França Teixeira: Profissão Repórter", veiculado na TV Itapoman, canal 5, integrante da TV Tupi, que criou o famoso bordão: "É ferro na boneca, minha cara e minha nobre família baiana!". Tais aparições serviram para consolidar a imagem do ascendente policial militar no imaginário do povo, tornando-o, conseqüentemente, uma figura por demais conhecida na cidade. Paralelo a isso, Pelé começou a desfrutar do sucesso adquirido das mais diferentes formas. Até mesmo D. Salustiana, genitora do guarda mais famoso da Bahia, aproveitou o sucesso repentino: foi presenteada no Dia das Mães de 1972 com uma geladeira Frigidaire novinha, oferecimento das Lojas Radiolar, uma das anunciantes que investiu no promissor garoto propaganda, entrega efetuada com toda a pompa na loja da rede situada no edifício Fundação Politécnica, coração do centro de Salvador.

Verdade que ela confessou que em sua modesta casinha localizada no bairro do Nordeste de Amaralina ainda não havia luz elétrica, o que tornava o mimo um problema. Não faltaram, de pronto, promessas de se so-

lucionar o problema o mais rápido possível. Mas aquilo era o que menos importava.

O ano de 1972 foi também o marco da inauguração do Pelotão Águia, Unidade da PMBA voltada para a modalidade de policiamento sobre duas rodas, introduzindo a motocicleta no trânsito. Pelé foi convidado a integrar o primeiro contingente da Organização, experiência que via com bons olhos em face de já ser motociclista, aprendizado desenvolvido quando ainda servia no Tiro de Guerra de Ilhéus. Aceito o convite, passou a ser comandado pelo então tenente Siegfried Frazão Keysselt, oficial que desde cedo se esmerou na instrução do efetivo. Logo, o pelotão se tornou referência, ainda mais contando com a presença de Pelé, muito requisitado em todos os lugares aonde o Águia se dirigia.

Em razão da fama adquirida, iniciaram-se os comentários sobre a curiosidade despertada em outros Estados sobre o trabalho desenvolvido por Pelé. Já reconhecido como um padrão devido aos seus gestos e posturas, outros órgãos de trânsito do Brasil, a exemplo do Distrito Federal e São Paulo, cujas capitais apresentavam um tráfego compreensivamente mais problemático que o de Salvador, manifestaram, ainda que timidamente, o desejo de contar com os serviços de Pelé, na esperança de encontrar alternativas às dificuldades que experimentavam.



Na inauguração do Pelotão Águia, como um dos fundadores da unidade

O diretor do DETRAN da Bahia à época, major Floardo Medeiros Caldas de Azevedo, de pronto, declarou nos meios de comunicação que, desde quando existisse solicitação oficial, não via nenhuma dificuldade em “emprestar” o tão assediado guarda para que este exibisse em outras plagas o invulgar método baiano na resolução do conturbado problema urbano.

Esses e outros episódios faziam com que Pelé já não circulasse de forma ignorada na maioria dos lugares que percorria. Bastava colocar os pés na rua que as pessoas o abordavam, expressando admiração. Por sua parte, Pelé não se furtava nunca em retribuir a simpatia ofertada. Atendia a todos com o máximo de paciência, mesmo porque aquele carinho o agradava sobremaneira. Curiosamente, as crianças nutriam por ele uma simpatia acentuada, aproximando-se dele sempre que a ocasião permitia. Nada apontava, todavia, que o sucesso adquirido representava, àquela altura, uma ínfima parcela do turbilhão que se aproximava.

Capítulo XI

Andres Bucowinski, definitivamente, encontrara o local que sonhara viver. Desde que se instalara no Brasil, proveniente da Argentina, onde residira e trabalhara por um tempo, dedicara-se a estabelecer ligações no campo profissional que havia abraçado. Publicitário de formação, sentira que o Brasil era um mercado promissor, ainda que acanhado. São Paulo lhe parecera um excelente ponto de partida e resolvera se fixar na capital paulista. Polonês de nascimento, já tendo rodado por vários lugares do mundo, achou que era a hora de fincar raízes em um lugar. Detinha um currículo elogiável, ganhara alguns prêmios importantes, com destaque para os três primeiros leões de ouro argentinos, comenda suprema da propaganda internacional, realizada anualmente em Cannes. De quebra, já no Brasil, ganhara também o primeiro "Leão de Ouro" nacional, com o comercial "O Homem Com Mais de 40 Anos", hoje um clássico do ramo. Agora, em 1974, conseguira um contrato com uma agência de renome, a fim de idealizar uma campanha publicitária especial. A empresa argentina Mazza & Frank, contratada pela companhia de aviação Cruzeiro do Sul, escolhe-

ra a empresa montada por Andres, a recém-fundada ABA Filmes, para difundir-la na América do Sul, tendo como alvo principal o estímulo à visita ao território brasileiro. O emergente, e por isso mesmo competitivo, mercado de aviação nacional exigia uma política de propaganda mais agressiva e Andres compreendeu logo a possibilidade de amplitude do projeto. Era preciso fazer com que o público-alvo, primeiramente, se empolgasse com a mercadoria anunciada, se enxergasse nela e a reconhecesse como um produto próximo a si, mesmo que o transporte aéreo, naquela época, fosse privilégio de poucos.

Por tabela, era primordial a identificação com a marca, de maneira a despertar no propenso consumidor uma empatia com o que se oferecia. O desafio era viabilizar essa equação.

Para tanto, a estratégia adotada por sua equipe foi a de reunir imagens características do Brasil em suas principais capitais, de forma a compor uma peça publicitária com imagens familiares aos brasileiros. A fórmula achada foi a de percorrer as principais capitais brasileiras e captar os flagrantes de suas características mais marcantes: a música, a dança, a cultura, os lugares, as pessoas, enfim, tudo que a lente pudesse registrar como inerente ao jeito de ser brasileiro, o mais lúdico

possível. De posse disso, a estratégia previa a condensação dessa amálgama em poucos segundos, o filme propriamente dito, que, se tudo desse certo, deveria unir as extremidades entre o cliente e o consumidor, propósito cujo alcance Andres e equipe mergulharam o mais fundo possível. Traçados os rumos, a equipe rumou em direção aos objetivos iniciais, São Paulo e Rio de Janeiro. Etapas vencidas, o grupo desembarcou na Bahia, onde pretendiam percorrer a cidade do Salvador à caça dos tesouros escondidos nos mistérios que cercavam a capital. Imaginaram focar as igrejas, a capoeira, o candomblé e outras características tão cantadas em verso e prosa nos quatro cantos do país e no exterior. Era apenas a ponta de um roteiro ainda desconhecido, no qual a sensibilidade dos envolvidos contava mais que os elaborados roteiros.

Lógico que visitar Salvador e não provar das iguarias produzidas a partir do dendê era um pecado que a equipe não estava disposta a cometer, entretanto, como os baianos bem sabem, os visitantes que se lançam imoderadamente a tal propósito, no mais das vezes, passam por um aperto considerável. Afinal, não é qualquer estômago que suporta a força dos condimentos utilizados na confecção das moquecas, dos escaldados e das frituras, apenas para citar os preparos mais conhecidos. An-

dres Bucowinski não demorou mais que vinte e quatro horas para descobrir isso.

No segundo dia da visita, nosso brasileiro personagem estava em maus lençóis. Após passar uma noite dos diabos, com direito a múltiplas idas e vindas ao “trono”, viu-se no dilema entre a obrigação de captar as imagens que motivaram o deslocamento à capital da Boa Terra e a quase irresistível vontade de permanecer no hotel em que se hospedara, com o único propósito de tentar se livrar da diarreia aguda que o incomodara desde a madrugada. Premido pela exiguidade do tempo, uma vez que a permanência em cada destino obedecia a critérios rigorosos para o cumprimento das metas pretendidas, Andres reuniu todas as suas forças e saiu, corajosamente, à cata de uma farmácia onde poderia achar um bálsamo para aquela agrura. Evidente que caminhar foi um suplício; volta e meia a sensação de estar prestes a se esvair mais um pouco o assombrava, exigindo um esforço sobre-humano para superá-la. Afinal, cerca de quatro a cinco quarteirões do hotel, encontrou uma bendita farmácia cujo atendente, decerto experiente no atendimento aos vexames dos estrangeiros naquela situação, prescreveu o tão aguardado socorro.

Embora a melhora tenha sido, inicialmente, parcial,

foi o suficiente para que o ânimo retornasse, encorajando-o a retomar a atividade há pouco ameaçada. Foi então, inadvertidamente, como o acaso costuma surgir, que a equipe encontrou algo inusitado.

À primeira vista, pensaram que se tratava de algum pequeno tumulto. A aglomeração de pessoas em uma esquina do centro da cidade não chegava a parecer nenhum movimento de massas. Lembrava um pequeno grupo de curiosos que observava alguma discussão, uma pequena demonstração de alguma mercadoria, alguém sofrendo um mal súbito ou coisa semelhante.

Mas, à medida que se aproximavam, observaram que um elo unia aqueles transeuntes: no centro da aglomeração, um sujeito fardado e armado, pelas características do uniforme certamente um policial militar, executava movimentos curiosos, notadamente devido à posição de autoridade que ocupava. Sim, pois a rigidez que caracterizava os ditames militares em nada levava a crer que aquela figura negra e esguia rodopiando velozmente, num gingado sincronizado que parecia hipnotizar o público em volta, fora formado em uma caserna.

Analisando mais detidamente, observaram que aquele gestual tinha um endereço único: os veículos que

fluíam em múltiplas direções, os quais também não ficavam impassíveis ao gingado do guarda de trânsito.

Acenavam, buzinavam, sorriam, paravam até, mesmo que para cumprimentá-lo rapidamente. Andres e seu grupo acharam a cena diferente do que o cotidiano exibia. Resolveram, então, sem nenhum compromisso, filmar algumas tomadas, muito embora não soubessem direito para quê.

Naquele instante, a propaganda brasileira, mesmo sem que seus representantes ali tivessem consciência disso, sem seguir um roteiro pré-definido, sem elaborar adequadamente os enquadramentos, sem maquiar os atores envolvidos, sem contar com os recursos cênicos necessários, começava a estipular um marco extraordinário no ramo.

Todavia, ainda existia um caminho a percorrer para que isso se concretizasse, e ele foi marcado pelas coincidências, daquelas que só ocorrem nas coisas direcionadas para o sucesso. Em primeiro lugar, na data do retorno da equipe, resolveram descansar da labuta exaustiva de gravações, que incluiu uma roda de capoeira filmada nas primeiras horas da manhã, no Farol da Barra, cujo produto apresentou um resultado esplêndido, porém estafante. Com embarque previsto para

as dezoito horas, não se sabe quem se lembrou daquele guarda de trânsito. Resolveram então ir até o mesmo local, na tentativa de filmá-lo novamente, desta vez mais de maneira mais abrangente, se as circunstâncias, lógico, permitissem. Segunda coincidência: ele estava lá. Por volta das onze horas da manhã, após uma breve apresentação, sem maiores negociações, a filmagem foi feita. Às dezoito horas, Andres Bucowinski e equipe retornavam a São Paulo sem imaginar que nos rolos de filmagem levavam um sucesso colossal.

Capítulo XII

Terminado o ciclo de viagens às cidades escolhidas, chegara, até ali, a hora mais importante do projeto. A montagem de qualquer comercial responde pela composição do trabalho e este passo é decisivo para o sucesso ou o insucesso dele. Daí a importância em empreendimentos dessa natureza de se contar com um profissional gabaritado no assunto. Carlos Macia cabia perfeitamente no perfil. Argentino, renomado roteirista de fama internacional, com carreira de destaque no cinema, fora contratado para dar vida ao comercial da Cruzeiro do Sul. Sua reconhecida competência o credenciara como um dos mais disputados profissionais do campo, o que recomendava qualquer trabalho que levasse sua assinatura.

Ao ser apresentado à coleção de imagens produzidas pela equipe de Andres no giro pelas cidades brasileiras escolhidas a dedo, Macia não teve dúvidas. Aquele policial militar, efetivamente, possuía algo de novo, algo que o identificava com o propósito perseguido pela ideia do cliente. Agregava um chamariz popular que encantava quem assistia suas evoluções, de modo a arrancar

um sorriso da assistência. Melhor ainda, ele a hipnotizava, como tão bem mostravam as imagens. Era aquilo; tinha certeza que daria certo.

Macia, entretanto, foi mais além. Sugeriu que a figura do guarda (como era mesmo o nome dele?) funcionasse como um eixo central da película, um astro em torno do qual gravitassem as outras estrelas. Era como se Pelé, sua farda, seu apito e sua coreografia remetessem às outras imagens, delas originando e findando os atrativos brasileiros. Como contraponto, resolveu produzir um segundo filmete, este centralizado em outra paixão nacional: os biquínis, fartamente exibidos nas praias cariocas. A estrutura seria a mesma, apenas a ideia central seria deslocada de Pelé para as provocativas e diminutas, até o momento, peças de banho femininas.

Outro ponto a se trabalhar foi a composição da trilha sonora. Como as imagens selecionadas representavam o que de mais genuíno se via no Brasil, o caminho natural foi o de se escolher uma composição bem brasileira, aquela que ao ser reproduzida em qualquer parte onde a produção fosse exibida, remetesse, mesmo que subliminarmente, à lembrança de nossas qualidades, induzindo ao espectador o desejo de visitar nosso país. A materialização da proposta se deu através de um grupo musical denominado "Batucada Brasileira", que reunia

notáveis instrumentistas nacionais. O ritmo escolhido, seguindo a fórmula cuidadosamente imaginada, não poderia ser outro que não o samba, legítimo representante da alegria brasileira. Alguns ensaios depois, surgiu a composição que parecia ter nascido junto com a inspiração do comercial. Ela traduzia a multiplicidade de paisagens e tipos humanos selecionados, dinâmica e vibrante, em perfeita simbiose com a imagem.

Tudo feito e apresentado o resultado final para o cliente, a aceitação foi imediata. A Cruzeiro do Sul efetivou a veiculação do trabalho e num curto espaço de tempo foi surpreendida com o sucesso repentino da produção.



Vista de Bogotá, Colômbia

Nos países do continente sul-americano onde foi exibido, as pessoas recepcionaram o comercial com uma aceitação formidável. Em Bogotá, Lima, Montevidéu e Buenos Aires, os espectadores, simplesmente, deslumbravam-se a cada aparição do guarda de trânsito elevado à condição de protagonista da apurada produção. De pronto, as televisões e os cinemas, que naquela época reproduziam propagandas nos intervalos das seções, registraram o saldo positivo das exibições. Mas o que chamou mesmo a atenção teve contornos ainda mais surpreendentes. As pessoas começaram a simpatizar com a figura daquele policial militar filmado nas ruas de Salvador, no Estado da Bahia, no Brasil, a ponto de



O Obelisco, na avenida 9 de julho, em Buenos Aires



Centro de Montevidéu, Uruguai

aplaudirem freneticamente em cada seção que a propaganda era exibida.

Eram constantes os pedidos de bis apenas para ver as quase coreografias dele inseridas na peça. O fato começou a despertar uma atenção ainda maior e num curto espaço de tempo o sucesso se alastrou por outros países sul-americanos. Atenta a isso, a Cruzeiro do Sul resolveu mexer no xadrez de sua estratégia.

Rapidamente, inseriu o comercial nas emissoras da TV brasileira, permitindo ao público compartilhar do prazer sentido pelos habitantes dos demais locais onde a película já era sucesso absoluto. E não deu outra.

Pouco depois do primeiro trimestre de 1974 o Brasil conhecia o guarda Pelé. Certo que o comercial, ao apresentar tantas imagens da cena cotidiana brasileira, reunia atrativos de várias ordens, traduzindo o carisma do brasileiro com rara felicidade. O que não se podia negar, contudo, era a empatia do cidadão ao ver tão comentado guarda de trânsito executar os movimentos que lhe renderam fama internacional.

A platéia não imaginava que um preposto da segurança pública, em plena vigência do regime militar, bailasse daquela forma tão ostensiva em uma atividade tão próxima do público, por ele sendo aceito e aplaudido. De novo, como ocorrera nos meios de comunicação dos outros países em que o filme fora exibido, o sucesso veio imediatamente. O comercial, exaustivamente repetido, virara uma febre na TV, repercutindo favoravelmente nas vendas da contratante.

Corroborando o sucesso do empreendimento, a agência de publicidade Esquire Propaganda, juntamente com a Mazza & Frank - ABA Produções, recebe o Grand Prix Categoria Cinema no 1º Festival do Filme Publicitário, evento recém-nascido e instituído pela Agência Brasileira de Propaganda (ABP), realizado no Hotel Nacional, no Rio de Janeiro. Como prova de sua decisiva participação na conquista, o filmete foi deno-

minado “Guarda Cruzeiro”, associando definitivamente a figura do principal astro da produção com a marca da empresa patrocinadora.

Como o termômetro da propaganda se mede pelo incremento das vendas do produto anunciado, o reflexo nas comercializações de passagens não tardou a surgir.

De acordo com o relato do jornal “Folha de São Paulo”, o aumento das vendas registrou um índice de espantosos 300% somente no Norte e Nordeste, na campanha denominada como “Crédito a Jato”, cujo objetivo era popularizar a aquisição de passagens aérea a crédito. O mesmo anúncio divulgava a entrada no mercado através da empresa de mais três modernos Boeings 727 (trijatos), acrescidos meses após de mais seis moderníssimos Boeings 737 advanced (duas turbinas). Interessante ressaltar que a campanha fora precedida por outra, esta protagonizada por um dos humoristas mais famosos de seu tempo, José Vasconcelos, que sob o lema “Nunca

Foi Tão Fácil Voar”, despertou nos brasileiros o sonho de vencer grandes distâncias através das alturas.



*Catedral de Bogotá, Colômbia e, abaixo, Lima, capital do Peru.
Em ambas cidades o Guarda Pelé demonstrou sua arte no
trânsito, sob muitos aplausos.*



Capítulo XIII

E assim foi. Contatada pela empresa de aviação, a Polícia Militar da Bahia, concedeu uma autorização especial para Pelé cumprir um calendário de visita às capitais brasileiras, nelas exibindo sua forma ímpar de trabalhar no controle do trânsito urbano. Precedida de amplas divulgações, as apresentações foram elaboradas de maneira a fazer com que as exibições ocorressem sempre nos locais de maior congestionamento. O modelo adotado não deixava de se constituir em um grande desafio para Pelé: ao levar sua arte para outras localidades é claro que a responsabilidade multiplicava.

Era necessário determinação, além de muita confiança, pois Pelé sabia que muitos tratavam sua atuação de maneira jocosa, duvidando que funcionasse em outras praças.

O acordo firmado com a Cruzeiro do Sul, portanto, seria um excelente oportunidade de consolidar seu trabalho, além, é claro, de proporcionar ao nosso guarda a possibilidade de angariar um reforço ao baixo salário.

Este aspecto, por sinal, foi muito bem considerado pela empresa. A transação financeira era extremamen-

te vantajosa, o que possibilitava a Pelé uma confortável folga no orçamento. Não obstante, o tratamento a si dispensado era digno de uma celebridade. Hotéis de primeira categoria, veículo à disposição, recepções, passeios etc., tudo devidamente previsto pelos organizadores da programação. Nem mesmo um empresário (isso mesmo) foi esquecido, cabendo o importante papel ao competente profissional Alvaro (sem acento agudo mesmo) Sarlo. Publicitário de formação, cabia a ele o gerenciamento da conta publicitária da Cruzeiro do Sul. O objetivo era fazer com que Pelé se sentisse o mais a vontade possível durante sua longa jornada Brasil adentro.

Capítulo XIV

O mês era o de julho de 1974. Aquele período se tornaria significativo na vida até então simples de Armando Marques da Silva. Cada vez mais difícil de ser chamado pelo nome de batismo, o guarda Pelé assumira identidade própria, criatura que superava o criador, personagem que ofuscava o ator na fama repentina. Agora, o vendaval dos últimos meses, desde que sua imagem fora espalhada pelos quatro cantos do Brasil e da América do Sul, ameaçava se transformar em um furacão. Certo que inicialmente a proposta apresentada no sentido de rasgar o país de norte a sul exibindo o modo de trabalho que construiu pareceu-lhe extremamente vantajosa, em todos os sentidos. Afinal, desde que iniciara seu bailado na Ladeira dos Galés naquele já distante ano de 1971, Pelé sentiu que sua vida iria mudar, que a guinada em direção ao sucesso o colocara sempre em evidência, entretanto, com o passar dos dias, a sensação de euforia foi sendo substituída por uma angústia, uma ansiedade crescente e, sobretudo, por aquele frio que percorria sua espinha sempre que pensava no fato. Pelé sabia que a responsabilidade era enorme. Galgado à condição de astro, absorvera todas as implicações que tal situação

proporcionara. Via-se cercado de admiradores, de babiladores, de novos amigos que sequer o cumprimentavam há apenas alguns meses, bem como, era criticado por pessoas que não aceitavam o novo status do antes humilde soldado da Polícia Militar. Em especial, dentro da corporação, sentia que muitos dos companheiros, tanto praças quanto oficiais, torciam o nariz para seu sucesso. Embora procurasse não ligar, Pelé não deixava de sentir uma ponta de amargura com aquilo. Afinal, sabia que sua fama elevava o nome da instituição local, nacional e internacionalmente, de uma maneira positiva, haja vista a empatia com os populares por onde quer que pisasse. De qualquer sorte, o melhor a fazer era se concentrar na nova atribuição e aproveitar, aproveitar tudo que o sucesso lhe apresentava.

Tudo pronto, ladeado pelo seu empresário, Alvaro Sarlo, sempre atento a tudo por onde quer que estivessem, Pelé embarcou para a turnê engendrada pela Cruzeiro do Sul. Dessa forma, a decolagem rumo ao sucesso estava para começar.

Capítulo XV

A turnê, desde o início, mostrou-se um celeiro de novidades para o nosso guarda. Afinal de contas, aquela coisa de hotel de primeira categoria, recepções, banquetes, entrevistas e tudo o mais constituíam-se em uma novidade na vida de nosso inexperiente astro. Certo que na Bahia, devido à fama que já alcançara, algumas destas coisas já não eram tão estranhas assim, todavia, o conjunto de acontecimentos revelava-se admirável aos olhos de Pelé. Até mesmo o assédio do público, desde os primeiros lugares demonstrando encantamento com o trabalho desenvolvido por ele, assumia novos contornos, vez que se tratava de brasileiros de outros quadrantes do país, no mais das vezes completamente diferente do jeito de ser do baiano. Por isso mesmo,

Pelé resolveu, desde o primeiro instante em que foi entrevistado, falar sempre da sua Bahia, da terra, segundo ele, “onde o sol é quentinho e o mar é maravilhoso”, pedaço de chão que “não trocaria por nenhum outro local”, outra declaração proferida por mais de uma vez.

No entanto, a programação montada pela agência contratada começou também a mostrar o trabalho de Pelé por capitais mais modestas. O objetivo era exhibir o

produto aos poucos, de sorte a aumentar, se tudo corresse bem, a expectativa da sociedade paulatinamente, culminando com apresentações nas maiores cidades do Brasil,

Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo. Em que pese a necessidade de abranger o público de todas as capitais, era notório o interesse por esses grandes nichos de mercado, verdadeiros objetos de cobiça das companhias aéreas que disputavam quase que a tapas o filão da aviação. A Cruzeiro do Sul, conseqüentemente, traçara uma seqüência de exibições que pretendia massificar a marca através do guarda mais famoso do Brasil ao alcance das mãos do



Congestionamento diário em São Paulo: um desafio para o Guarda Pelé

público, em suas ruas e avenidas mais comuns, familiarizando a empresa, mesmo que voar, àquela altura, ainda se constituísse um sonho para poucos realizarem.

Ante esse propósito, Pelé desde o começo não negou fogo. Verdade que as ruas das citadas capitais não ofereceram resistência à sua técnica, talvez pelo fato de Salvador já se encontrar, à época, em um patamar pouco mais elevado que as suas coirmãs, e no qual, o trânsito de veículos, cartão de visita do nosso garoto-propaganda, se sobressaía. De qualquer forma, constituíam-se em obstáculos que necessitavam de toda a atenção, uma vez que as apresentações iniciais certamente refletiriam o acerto, ou desacerto, da campanha exaustivamente elaborada pela Esquire e referendada pela Cruzeiro do Sul.

Fortaleza sediou a primeira apresentação, precisamente no dia 20 de julho de 1974. Já na chegada, no dia anterior no aeroporto Pinto Martins, ao desembarcar de um Boeing 727 devidamente ladeado por Alvaro Sarlo, foi recepcionado por um grupamento da Polícia Militar do Ceará, episódio que iria se repetir em inúmeros locais dali para frente. No dia marcado, um sábado, Pelé exibiu pela primeira vez em solo diverso do baiano o gestual que naquela altura já o inserira no imaginário do povo brasileiro. O cenário foi o cruzamento entre as ruas Floriano Peixoto e São Paulo, artérias de grande circulação



Vista da cidade de Fortaleza, Ceará, que também recebeu o Guarda Pelé

naquele estado nordestino. Embora Fortaleza não possa, naquela época, ser comparada a uma das grandes metrópoles brasileiras, a exemplo das pujantes Rio de Janeiro e São Paulo, as apresentações demonstraram o carisma exercido por Pelé sobre as multidões, qualidade que formaria um elo inquebrantável entre eles em todas as localidades por onde se exibiu, como veremos.

O jornal "O Povo", de Fortaleza, em edição publicada no dia 22 de julho daquele ano conferiu o novo status de astro ao soldado Armando Marques da Silva, da Polícia Militar da Bahia, com a seguinte legenda: "Pelé do Trânsito Deu Show em Fortaleza". Ao

entrevistá-lo sobre o rebuliço que causara na capital cearense com suas piruetas no trânsito, Pelé filosofou: "tudo que um homem pode desejar é formar um conceito na sociedade".

Quando partiu no dia seguinte, Pelé inaugurara a tournée que iria sacudir o Brasil, com reflexos significativos no exterior.

Recife, capital pernambucana, atravessava um período difícil no tocante à problemática do trânsito.

Alimentada pelas facilidades para aquisição de veículos, e pelo surto expansionista do transporte de massa urbano, o que fizera aumentar vertiginosamente a



Recife, outra cidade com complicações de trânsito igualmente recebeu a visita do Guarda Pelé

quantidade de veículos nas ruas da cidade, era cada vez mais difícil disciplinar o tráfego de automóveis, atividade penosa, em especial para os profissionais que a tinham por ofício. Adicione-se o fato da verdadeira ausência da adoção de uma política de mobilidade, que culminava no travamento das principais ruas e avenidas do Recife, em que pese a existência de ônibus elétricos à disposição da população, equipamentos que imergiram no caos cotidiano sem aparente solução. Em razão disso, a exibição de Pelé, em 23 de julho de 1974, foi largamente anunciada pelos meios de comunicação, despertando a curiosidade popular. Ótimo momento para a Cruzeiro do Sul investir em seu produto, ainda mais pelo incremento da concorrência, alertada pela agressiva campanha encabeçada pelo guarda de trânsito que àquela altura desbravava o país de norte a sul. Com efeito, na data anterior à da apresentação, o presidente da Viação Aérea São Paulo, a gigante VASP, Sr. Luiz Rodovil Rossi, recebia da Câmara Municipal o título de “cidadão do Recife”, ocasião em que a citada companhia aérea lançava, também, seu ousado plano de passagens pelo crediário, o “Credi-Sem”.

O local, escolhido pelo comandante do Batalhão de Trânsito da Polícia Militar de Pernambuco, tenente-coronel Melquisedec Ferreira, foi a confluência da Rua

do Sol com a Ponte Duarte Colho, nas proximidades da Avenida Guararapes, próximo à sede dos Correios e Telégrafos, ponto sensível da cidade e de grande fluxo de veículos e pedestres. O horário marcado foi das 11 às 13 horas, intervalo que, supostamente, havia um pequeno decréscimo do trânsito em vista da pausa para o almoço. Segundo declarações à imprensa, feitas pelo próprio comandante do batalhão encarregado de cuidar da fluidez viária na cidade, vários policiais militares já estavam sendo treinados dentro do “sistema Pelé” (sic) no intuito de solucionar o imbróglio urbano, fonte maior de irritação da população.

Prova cabal da absorção do método oriundo daquele PM da Bahia, e logicamente em consequência do sucesso verificado, era que Recife já possuía um guarda de trânsito com gestos similares. O soldado Wilson dos Santos Rego Barros, do mesmo Batalhão de Trânsito, inspirado no seu colega baiano, passara a executar evoluções no cruzamento das ruas do Imperador e 1º de Março, indicado, para tanto, segundo ele, pelo próprio comandante do batalhão, fruto de sua disposição para tão árduo trabalho. Wilson almoçara no dia anterior no Restaurante Pajuçara, com o próprio Pelé, dele recebendo dicas de como se comportar no trabalho, de forma a aumentar a eficiência com os passos ensaiados.

Apesar do entusiasmo, era pouco provável que o seguidor de Pelé conseguisse o mesmo sucesso. A própria imprensa pernambucana noticiara com uma considerável dose de sarcasmo algumas quedas sofridas pelo soldado Wilson na tentativa de imitar o criador do “método Pelé”.

Tudo pronto, apenas um detalhe, que se revelou crucial em quase todas as praças em que Pelé se apresentaria dali por diante, fugiu a atenção dos idealizadores do evento: faltou combinar o ordenamento com a assistência.

Iniciado o trabalho de Pelé e a aglomeração já dava sinais de que o espetáculo ficaria prejudicado. O povo desceu das calçadas encurtando os espaços destinados aos veículos. Os motoristas, por sua vez, se juntaram aos transeuntes, inúmeros deles, simplesmente, abandonando os carros para assistir às evoluções, nos dizeres do Diário de Pernambuco, do “magnífico guarda”. Os ônibus diminuía a velocidade para que os passageiros apreciassem o show. O trajeto da Pracinha à Conde de Boa Vista, vencido normalmente em minutos, estendeu-se por cerca de uma hora, pela mesma motivação.

O resultado foi um congestionamento gigantesco.

Ainda que usasse de toda a sua energia e de todo o seu

dinamismo, Pelé foi simplesmente impotente ante as circunstâncias. Era impossível disciplinar um tumulto daquela monta, impedimento reconhecido até pelos organizadores do evento.

No dia seguinte, as opiniões sobre a demonstração se dividiram: alguns acharam um sucesso, reconhecendo nele a capacidade de trabalho mesmo diante de todas as dificuldades apresentadas; outros menosprezaram a técnica do guarda, sugerindo que ele fora vencido pelo trânsito do Recife. Pelé, de fato, reconheceu aquela missão como uma das mais árduas a que se dedicara até ali. O que acontecera, entretanto, reconhecido mesmo pelas autoridades em trânsito da Capital pernambucana, era que a desordem viária da cidade se transformara numa tarefa hercúlea, o que significava que a resolução do problema não se subsumia apenas a um componente.

Em 24 de julho do mesmo ano, Pelé comandou o trânsito em São Luís do Maranhão, na Praça João Lisboa, local estreito que dificultou bastante o trabalho, ainda mais prejudicado pelo número de pessoas atraídas ao local. No dia seguinte, desembarcou em Belém (PA). Ao chegar no aeroporto de Val-de-Cans, Pelé já se adaptara à rotina iniciada nos primeiros dias do mês. Recepcionado no aeroporto por personalidades e jornalistas, sem esquecer a presença de público já cos-

tumeira, foi saudado, entre outros, pelo então Comandante-Geral da PM do Pará, Coronel Douglas Farias de Souza. Pelé demonstrou ali mesmo, no saguão do aeroporto, um pouco de sua técnica, aproveitando a presença de inúmeros curiosos e passageiros, controlando um trânsito imaginário, para deleite de todos. No decorrer do mesmo dia fez duas apresentações, uma por volta das onze horas no cruzamento das avenidas Portugal e João Alfredo; outra, às dezoito horas, na esquina das avenidas Nazaré e Generalíssimo Deodoro, ambas propositadamente agendadas em razão de suas localizações serem consideradas sensíveis ao cotidiano da cidade. Pelé não se fez de rogado, enfrentou as dificuldades com a galhardia costumeira, domando o ímpeto dos mais atrevidos e seduzindo a platéia.

Capítulo XVI

São Paulo, desde sempre, assumia ares desafiadores para os nordestinos que se atrevessem a tentar desbravá-la. Premidos pela necessidade, muitos de nossos patrícios eram obrigados a emigrar para terras paulistas objetivando, principalmente, melhores condições de vida. Entre eles, por exemplo, havia os que se lançavam àquele destino empurrados pela seca inclemente do sertão, sem terem uma opção sequer de progredir em seu próprio território. Não se tratava de alternativa de vida, o que se impunha era apenas aquilo, e nada mais. Reunir os poucos pertences, deixar para trás os familiares e amigos e se aventurar naquele gigante desconhecido era a única alternativa possível em busca da sobrevivência. Em lá chegando, invariavelmente, sem qualquer especialização e com baixa, ou nenhuma, escolaridade, as vagas que os aguardavam eram aquelas em que se sobressaía o esforço físico acentuado, que coincidia com a lida enfrentada no seu habitat natural e que, paradoxalmente, tanto o incentivaram a abandoná-lo. Tal quadro não apresentava, a rigor, variações significativas. Mesmo em 1974, época em que o desenvolvimento diferenciado de São Paulo em relação à maioria dos estados do

Brasil já era bem nítido, a desigualdade mostrava toda a sua aspereza entre os oriundos da região Nordeste, mesmo que estes contribuíssem com suor redobrado na construção da crescente metrópole. Em decorrência disso, era natural que a comunidade nordestina fosse vista e reconhecida como uma espécie de brasileiros de “segunda categoria”. Os “paraíba” ou “baianos” eram termos genéricos para todo aquele que originasse do Nordeste, pejorativamente cognominados de maneira a enquadrar toda uma população. Nada mais natural que a sociedade estivesse desacostumada a reconhecer talentos entre os egressos daquelas plagas, mesmo porque aqueles que despontavam com algum sucesso em qualquer campo (político, artístico, esportivo etc.)



O famoso cruzamento, cantado em verso e prosa, mas conhecido também pelos engarrafamentos.

eram contados nos dedos das mãos, talvez mesmo no de uma delas. Nesse contexto histórico, causou estranheza a expectativa gerada pela visita do “Guarda Pelé” à capital paulista. A programação previa uma série de entrevistas em emissoras diversas e uma apresentação no dia 29 de julho de 1974, uma segunda-feira. O cenário seria a confluência das Avenidas São João e Ipiranga, costumeiramente problemática em termos de tráfego de veículos e pedestres. O horário agendado: 12 horas.

Como a prenunciar o que se aproximava, Pelé visitou no período da manhã, entre outras localidades conhecidas da cidade, o Largo do Paissandu, parando em alguns lugares que o interessaram. À tarde, rumores davam conta que ele repetiria a visita, o que fez com que uma multidão considerável se concentrasse na região para vê-lo. No intuito de prevenir maiores confusões, viaturas da Polícia Militar paulista concentraram-se no local e interferiram quando um grupo de rapazes passou a socar e chutar os veículos que trafegavam naquele sentido. Aproximadamente vinte pessoas foram detidas.

Mas, em que pese a divulgação do evento e a receptividade da população, os responsáveis pela programação, tendo a frente o coronel Loredano Cássio Silva,

diretor do Departamento de Sistema Viário de São Paulo, subestimaram a fama adquirida pelo visitante.

Próximo ao horário agendado, as pessoas lotaram o local da apresentação e as ruas adjacentes, incluindo as Praças da Bandeira, da República, Princesa Isabel, Rua 24 de Maio e Senador Queiroz. Pouco a pouco, o que se prenunciava uma aglomeração evoluiu rapidamente para um tumulto. Alguns veículos de comunicação estimaram o público presente em cerca de cinco mil pessoas, cálculo que, guardadas as devidas proporções, esteve próximo da realidade. As pessoas, muitas delas vindas de bairros distantes, espremiavam-se nas calçadas, nas entradas das lojas, nos pontos de ônibus, nos canteiros centrais e até mesmo sobre as marquises, perigosamente acomodadas só para assistir às evoluções de Pelé. O congestionamento, já intenso naquela artéria, ficou insuportável, impedindo, inclusive, a continuidade da Operação Adesivo, montada pelo próprio Departamento do Sistema Viário, a fim de combater o estacionamento irregular no centro da cidade. Os policiais militares escalados para organizarem o tráfego, cerca de 6 ou 7, perderam completamente o controle da situação. Até a guarita policial sediada na esquina da Rua Conselheiro Capistrano, cujos ocupantes apressaram-se a auxiliar os colegas em apuros, foi ocupada pelo

povo, reconhecidamente um lugar privilegiado para apreciar o espetáculo anunciado. Alguns pequenos acidentes, discussões e atropelos sem maior gravidade ajudaram a elevar a temperatura do lugar. Os veículos que tentavam vencer aquele percurso, disputando o espaço reduzido com os assistentes, começaram a receber socos e chutes na lataria, provocando uma reação extremada de um motorista que saiu de arma em punho, conforme algumas testemunhas, ou com um simples macaco para troca de pneus, afirmavam outras, ao se sentir ameaçado pela multidão. Houve um princípio de correria, ameaçando a integridade física de homens, mulheres e algumas crianças reunidas nas imediações.

Aproveitando o tumulto, o revoltado condutor retornou ao seu automóvel e fugiu sem ser molestado.

Até uma tentativa de ludibriar a multidão revelou-se infrutífera. Um policial militar paulista com alguma semelhança com o seu congênere baiano foi colocado no meio da multidão, que o acompanhou por quase um quarteirão, cercado pelos repórteres, artifício que fracassou rapidamente, sendo desmascarado sob muitos apupos. Naquela altura, inúmeras casas comerciais fecharam as portas, temerosas que alguma confusão resultasse em prejuízos, como, por exemplo, as lojas

“Garbo”, famosa por suas confecções masculinas; a “Bruno Bois”, especializada em discos de vinil; a livraria “Entrelivros” e mesmo estabelecimentos bancários, como o Banco União Comercial, foram algumas das empresas situadas na 24 de Maio que preferiram não arriscar. Também o cine Art Palace, na Avenida São João, exibindo o faroeste “Fúria no Sangue”, protagonizado por dois astros internacionais, Richard Harris e Rod Taylor, achou prudente suspender a sessão.

Próximo das 13 horas, a cavalaria da PM, o respeitado Regimento 9 de Julho, se fez presente, em uma tentativa de intimidar os mais exaltados. Os policiais começaram, numa vã tentativa de liberar o tráfego de veículos, a empurrar os assistentes para a calçada.

Com o passar do tempo e o agravamento da situação, a solução encontrada foi a de adiar o evento. Não havia, efetivamente, mínimas condições de garantir a apresentação de Pelé diante de tamanha balbúrdia. Os policiais militares de serviço no local tentaram propagar entre a assistência a informação que o evento fora transferido, mas as pessoas não arredaram o pé. Por último, a pequena tropa policial-militar bateu em retirada, debaixo de vaias, deixando para trás populares frustrados com a situação.

Tudo isso para ver, conforme palavras de um popular presente ao local, “o guarda da Bahia”.

Este, confortavelmente instalado no Hotel São Rafael, no centro da metrópole, aguardou ansiosamente um chamado que não chegou.

Assim, por volta das 16h, muito embora os reflexos da balbúrdia se prolongassem até mais tarde, a primeira tentativa de Pelé exibir sua arte na Capital paulista exauriu-se antes mesmo de começar, frustrando da mesma forma o ator principal do espetáculo cancelado..

Capítulo XVII

Em que pese o fracasso registrado na primeira tentativa, uma coisa ficara evidente: os acontecimentos registrados provavam que o prestígio do guarda Pelé o alçara à condição de novo fenômeno da popularidade brasileira. O próprio palco dos acontecimentos, a sisuda capital paulista, sacudida em sua área central apenas pela expectativa de uma aparição que não se concretizara, haveria, sem nenhuma sombra de dúvida, de impulsionar a popularidade praticamente consolidada nas demais localidades do Brasil em que ainda não se falara do Guarda Pelé.

Quanto ao evento programado e não realizado, ainda que se corresse novamente o risco de enfrentar tumulto semelhante, ou maior, que o ocorrido no dia anterior, a demonstração do novo astro se impunha por diversos fatores: em primeiro lugar, a repercussão do fato alcançara todos os meios de comunicação, fazendo com que aquela ocorrência se transformasse em notícia repetida à exaustão; em segundo lugar, toda essa movimentação despertara maior cobiça no patrocinador do evento. A Cruzeiro do Sul, como empresa de renome, possuía uma estrutura publicitária competente, a qual se sensi-

bilizou ante a perspectiva de auferir dividendos com a movimentação da véspera.

Rapidamente, já no dia seguinte, outra apresentação foi agendada. Dessa vez, alguns cuidados foram adotados no sentido de evitar a repetição dos mesmos erros.

O primeiro passo foi a modificação do lugar do espetáculo. A opção escolhida no dia anterior mostrou-se demasiadamente tímida em termos de espaço, gerando os transtornos já mencionados. O novo palco escolhido foi a Praça Resende Puech, confluência da Avenida Pedroso de Moraes, no Alto dos Pinheiros, mais afastado do centro e do trânsito exagerado. O reforço policial também foi incluído nas previsões, a fim de que não se repetisse o vexame da véspera.

Finalmente, por volta das 13 horas, o paulistano viu chegar a oportunidade de saciar o desejo de conferir se era verdade tudo que a mídia insistentemente veiculara nos últimos meses. Acompanhado de uma pequena comitiva, onde se sobressaíam o mesmo coronel Lauredano, o empresário de Pelé, Alvaro Sarlo, o relações públicas da Cruzeiro do Sul, Luiz Cláudio Azevedo, um bom número de repórteres, fotógrafos e cinegrafistas, cuidadosamente vigiados por policiais militares que guarneceriam a apresentação, o grupo se posicio-

nou na artéria escolhida e após ocuparem os espaços necessários à observação e controle da programação resolveram acabar a agonia.

Pelé iniciou seu trabalho de maneira tranqüila, medindo os gestos cuidadosamente, de maneira a conhecer as reações do público e o humor dos motoristas.

Rapidamente, como se a segurança aumentasse a cada minuto, principiou o seu gingado, girando continuamente sobre os calcanhares e gesticulando velozmente, submetendo o trânsito à sua vontade. À medida que o tempo passava, o número de espectadores se multiplicava, todos embevecidos pela firmeza do policial militar baiano. Os organizadores, temendo a repetição dos acontecimentos da véspera, combinaram que a apresentação duraria em média cerca de trinta minutos. Mas Pelé, mergulhado no seu trabalho, e aquecido pelos enérgicos movimentos, ultrapassou o tempo estabelecido em muito, lapso mais que suficiente para o aumento considerável da assistência. Quando enfim o show acabou, mesmo porque a plateia já se apresentava em número perigoso, a aprovação veio em forma de aplausos demorados. A multidão cercou o guarda e carinhosamente dirigiu-lhe palavras de incentivo e admiração, não faltando os tradicionais pedidos de fotos e autógrafos. As crianças, claro, marcaram presença no

evento, demonstrando a empatia do novo ídolo com o público infantil, característica, por sinal, que sempre o acompanhou em suas apresentações. Em seguida, cansado, mas satisfeito, Pelé despediu-se da multidão e seguiu de retorno ao hotel onde se hospedara junto com a comitiva.

Bem verdade que foram aproximadamente quarenta e oito horas entre os dois fatos acima narrados. Porém, após o desfecho da situação, qualquer leigo, ao observar o produto nos meios de comunicação social do Estado, não teria dúvidas em afirmar que um pequeno tsunami se abatera sobre a capital paulista, mesmo esta não sendo banhada pelo mar.

Capítulo XVIII

O rescaldo da atuação de Pelé foi destaque nos meios de comunicação. Mais ainda, ele mostrou que a humanização daquele trânsito, difícil a ponto de ser considerado selvagem, era possível. Apenas um homem, armado de um apito, mas carregando uma enorme dose de carisma e amor ao seu trabalho, era suficiente para, na maioria dos casos, fazer as pessoas lembrar em que as máquinas foram criadas para servir à humanidade, e não para desarmonizá-la.

E a mídia se desdobrou na cobertura do evento. Com voracidade digna de um furo jornalístico de grandes proporções, os jornais estamparam manchetes das mais variadas formas em suas edições de 31 de julho de 1974. A tradicional "Folha de São Paulo", que já havia registrado o insucesso do dia anterior em uma página inteira, sob o título "O Guarda Baiano não Pôde Mostrar o Que Faz", dedicou espaço em sua primeira página com o título "O Show do Guarda Desta Vez Deu Certo", além de uma página inteira - isso mesmo, uma página inteira - em seu segundo clichê, da mesma data, exibindo o sugestivo título de "Armando Marques da Silva Show". O jornal "Estado de São Paulo", outro gigante

da notícia que, inclusive, ao afirmar que Pelé se tratava apenas de “um bom policial” não deixou de lado a mordacidade quando comparou a atuação positiva do visitante à outra, classificada de “incapaz”, protagonizada por quatro policiais, “entre eles um tenente”, em um congestionamento na esquina da Consolação com a São Luís, também rendeu homenagens ao artista do trânsito. Por igual, o “Diário da Noite”, “Diário de São Paulo” “Diário Popular”, “Popular da Tarde”, sem contar os periódicos de outros pontos do país, ofereceram espaços generosos a ambas as situações, sem esquecer o noticiário televisivo da época, todos repercutindo a badalada exibição. Evidentemente, até para que não pairassem dúvidas quanto aos relatos, todas as notícias



Pelé e a multidão em São Paulo

foram revestidas de imagens que comprovavam a exibição, a assistência, o tumulto, o assédio etc. Para se ter uma ideia dos assuntos que disputavam a atenção do público, vivia-se a expectativa quanto ao destino do presidente Richard Nixon, mandatário norte-americano que caía vertiginosamente em desgraça, fruto de um intrincado jogo político que o levaria à renúncia dias após; Grécia e Turquia digladiavam-se pela posse da Ilha de Chipre, mobilizando o mundo em um perigoso conflito, e o Cruzeiro desagradava sua torcida ao adiar a partida derradeira do Campeonato Brasileiro daquele ano contra o Vasco da Gama, que venceria a disputa, do Mineirão para o Maracanã, no extinto Estado da Guanabara. Mesmo assim, fartos noticiários foram cedidos à cobertura dos passos de Pelé em São Paulo, prestígio que o elevava à condição de



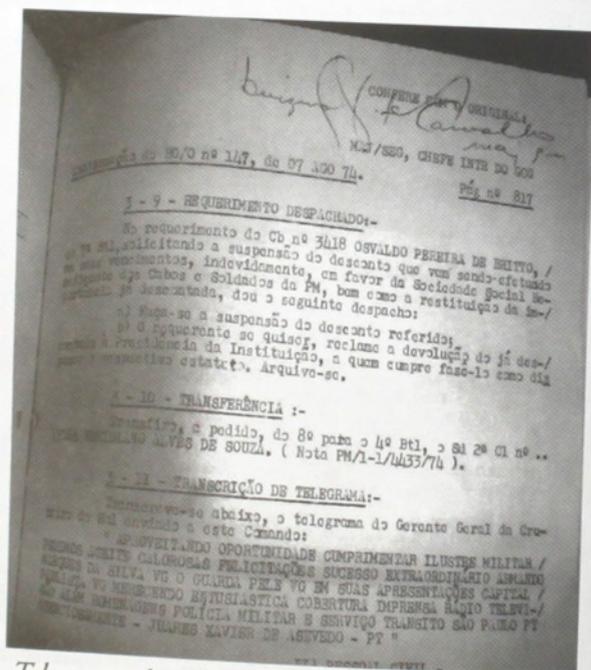
Trajando uniforme especialmente adaptado para as apresentações

verdadeira celebridade. Lógico que em terras baianas o feito de Pelé foi efusivamente saudado pela população em geral.

Afinal não se tinha lembrança de um conterrâneo que paralisasse a maior cidade do país, tão acostumada a ignorar os nascidos na região nordestina. Se fosse levado em conta que ele era um policial militar, então...

Simplemente inimaginável. Mas era verdade.

São Paulo, mesmo que não por muito tempo, se rendera, afinal, a um nordestino.



Telegrama da Cruzeiro do Sul cumprimentando o comando da PM pela performance de Pelé em SP

Capítulo XIX

Vencida aquela verdadeira prova de fogo, Pelé se lançou a conquistar o restante do Brasil que ainda não visitara. Competentemente escudado pela assessoria da contratante, passou a morar praticamente dentro de um avião. O roteiro foi elaborado de maneira a fazer com que a cada semana, ou menos disso, uma grande Capital, ou cidade de destaque, notadamente as paulistas, fossem brindadas com o espetáculo. A cidade de São Paulo, por reunir maiores condições de deslocamento aos principais destinos do país e por centralizar toda uma estrutura ainda incipiente na maioria das cidades brasileiras, funcionou como uma base de operações da campanha publicitária. Após cada viagem, Pelé e acompanhantes retornavam ao ponto de origem para um merecido descanso, onde aguardavam novas determinações. Lógico que a capital paulistana não se esquecera da apresentação ocorrida anteriormente. Os efeitos ainda se faziam sentir, muito positivamente para Pelé e para a campanha. Cada dia mais requisitado, as emissoras de TV não demoraram a convidar a atração para abrilhantar seus programas. O "Clube dos Artistas" e o "Almoço com as Estrelas", por exemplo, ambos apre-

sentados pelo conhecidíssimo casal Airton e Lolita Rodrigues na extinta TV Tupi, fizeram questão de contar com Pelé em suas edições. Era uma rotina cansativa, entretanto Pelé sentia imenso prazer em realizar suas apresentações e divulgar seu trabalho. De quebra, via sua popularidade aumentar exponencialmente. O público o adorava, era sempre cercado de muito carinho e atenção por todos, ou quase. Notava, de vez em quando, que seus companheiros de profissão em alguns estados visitados o olhavam com desconfiança, mesmo que Pelé, até por formação pessoal, não exibisse nenhuma soberba decorrente da fama repentina. Muito embora tal constatação o incomodasse, Pelé não chegava a se



Campinas, São Paulo - uma das cidades contempladas com a visita do Guarda Pelé

preocupar demasiadamente, creditando, quem sabe, a inveja de alguns com a trajetória diferenciada para um humilde soldado da PM de um estado nordestino.

Se era verdade que isso acontecia, o saldo era extremamente positivo, se confrontado com a receptividade do público por onde se apresentava.

Após a retumbante apresentação em São Paulo, foram agendadas novas apresentações, já agora, diante das solicitações que aumentaram consideravelmente, com a inclusão de cidades de porte do interior paulista, fugindo a programação inicial de contemplar as principais capitais do país. Campinas, São José do Rio Preto, Pirassununga, Santo André, Diadema, Itu e São Bernardo do Campo foram as contempladas



Pelé atuando na porta do Colégio Central

Capítulo XX

Porto Alegre, Capital do Estado do Rio Grande do Sul, exibia uma pujança característica das grandes cidades do Brasil. Mesmo que geograficamente situada distante das locomotivas do Sudeste do país, São Paulo e Rio de Janeiro, possuía um ritmo próprio e acelerado de crescimento, de sorte a se constituir em um polo de atração. Muito embora fosse conhecida, também, pela sisudez de seus habitantes, ainda assim não deixava de ressoar os acontecimentos levados pela mídia, já aquela altura em franco processo de expansão de suas fontes de irradiação, sobretudo em face do crescimento das principais redes de televisão e suas afiliadas.

A exibição de Pelé naquela cidade, portanto, foi aguardada com muita expectativa pela sociedade porto-alegrense. Como sempre, alguns ironizando, outros elogiando, seguindo a mesma ansiedade verificada nas localidades já visitadas. Outra motivação foi a curiosidade em ver o personagem que travara a maior cidade do país há poucos dias, devido ao fato da apresentação em solo gaúcho ocorrer menos de uma quinzena da confusão desenrolada na metrópole paulista.

Outro aspecto a ser considerado era que o mesmo ator

coadjuvante dos espetáculos protagonizados por Pelé, aprontava das suas com a mesma intensidade em Porto Alegre. O trânsito na capital do RS infernizava a população, ainda que os esforços empreendidos para solucionar a questão fossem exaustivamente testados, sem sucesso.

No dia 5 de agosto de 1974, o 9º Batalhão da respeitada Brigada Militar do Rio Grande do Sul, naquela época comandado pelo coronel Danese, elaborou uma apresentação na esquina das ruas Otávio Rocha e Doutor Flores, centro da cidade. Na hora marcada, quando uma viatura da PM estacionou em frente à Casa das Sedas, uma pequena aglomeração já havia se formado, ávida pelo aparecimento da novidade. O veículo carregava o staff militar montado para assessorar o evento que despertou para um detalhe significativo: a sinaleira instalada naquela confluência funcionava em sincronia com outras no mesmo sentido; desligá-la, uma vez que os gestos do agente de trânsito prevalecem aos sinais emitidos pelos semáforo, significaria estender o problema em cadeia a outros pontos da cidade, o que poderia desencadear uma confusão inimaginável. Consequentemente, ficou resolvido que seria modificado o local da apresentação para a esquina das ruas Sete de Setembro e General Câmara. No local inicial,

permaneceram quatro policiais militares controlando um trânsito que já se apresentava intenso em razão da assistência atraída pelo anúncio original.

O que se mostrou inalterado, contudo, foi a capacidade de Pelé em seduzir as multidões. Em pouco tempo de demonstração no novo ponto, o local situado em frente às lojas Renner, que fechou as portas providencialmente, recebeu uma assistência calculada, segundo o jornal "Zero Hora", em mais de mil pessoas, sem contar o incalculável número de veículos que engrossaram o engarrafamento nas principais vias do centro da cidade, muitos deles apenas para assistir a exibição.

Com efeito, verificou-se um congestionamento nas ruas Alberto Bins, Mauá, Farrapos, Voluntários da Pátria, Senhor dos Passos, Osvaldo Aranha, estenden-



Palestrando para crianças no intervalo de apresentações, em Caxias do Sul/RS

do-se até o Túnel da Conceição, todas elas artérias importantíssimas para o escoamento do trânsito.

Por parte do público o espetáculo atingiu plenamente o objetivo. Mesmo com algumas críticas, a maioria da assistência aplaudia, gritava o nome de Pelé e se divertia com os movimentos enérgicos direcionados aos veículos. Mesmo que no ponto anteriormente escolhido o tumulto demorasse a ser contido, fruto da desinformação sobre o novo lugar da exibição, o que produziu cenas de desentendimento entre vários transeuntes e motoristas, no palco verdadeiro o show foi coberto de pleno êxito.

Concitado a se pronunciar sobre o trabalho desempenhado por Pelé no controle do trânsito naquela oportunidade, um policial militar gaúcho, que não quis se identificar, declarou ao mesmo jornal:

- Ganhando Cr\$ 15.000 mil, eu também faço isso aí.

Não se sabe se a fonte consultada pelo PM gaúcho ao externar a inveja para com o trabalho do guarda baiano era verídica, mas a verdade era que a companhia patrocinadora tinha a certeza que a campanha valia cada centavo empregado até aquele momento.

Delá, Pelé se exibiu em Caxias do Sul com igual sucesso.



Entre alunos do curso de oficiais da Polícia Militar do Paraná

Recebeu da Unidade da Brigada Militar do Rio Grande do Sul sediada na cidade um apito de ouro, a exemplo do enviado pela Scotland Yard. Em uma das apresentações foi parodiado na mesma via pública em que estava pelo famoso comediante Costinha, já falecido, que realizava shows na cidade.

O cenário seguinte foi mais uma cidade sulista: Curitiba, capital paranaense. Em comum com as outras cidades da região o clima frio e a receptividade calorosa. Pelé ocupou, como de costume, generosos espaços nas mídias em geral. O tradicional "Diário do Paraná", afiliada dos Diários Associados, por exemplo, estampou uma foto de corpo inteiro do guarda

em ação, na edição de 08 de agosto de 1974, quinta-feira, convocando a população para a apresentação na esquina formada pelas ruas Emiliano Pernetta e Visconde de Nacar, área central da cidade. No mesmo dia da chegada, Pelé visitou a TV Paranaense, Canal 12, gravando um tape para o programa de Mário Vendramel, famoso apresentador daquele Estado, cognominado o "Chacrinha do Paraná". Ainda visitou, convidado pela Polícia Militar do Paraná, a Escola de Formação de Oficiais de Guatupê.

Já "O Estado do Paraná", em 10 de agosto do mesmo ano, publicou na primeira página uma reportagem, com direito a foto, informando do sucesso da apresentação realizada no dia 08, dando ciência do sucesso do

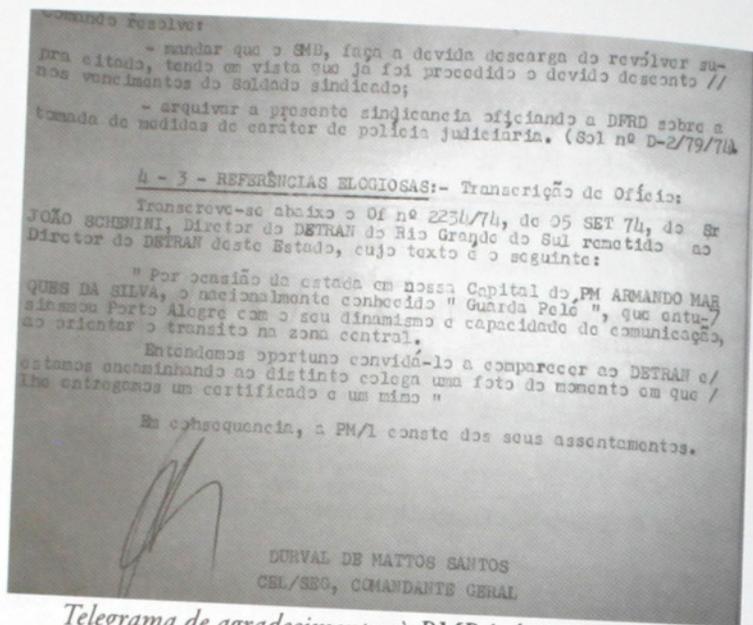


*Exibindo sua destreza em uma motocicleta,
na Polícia Militar do Paraná*

evento, segundo afirmações de motoristas, transeuntes e até policiais militares que assistiram ao trabalho.

Dessa forma, Pelé se fez notícia mesmo concorrendo com acontecimentos impactantes no Brasil. Naquela mesma data, o Brasil perdia uma de suas referências no jornalismo radiofônico e televisivo. Não obstante, a notícia da morte de Heron Domingues, apresentador do prestigiado "Jornal Nacional", veiculado há décadas pela Rede Globo, ocupou espaço menor que o show do soldado Armando em noticiários paranaenses.

O certo é que nem mesmo o minuano esfriou a passagem de Pelé pelo sul do Brasil.



*Telegrama de agradecimentos à PMBA da SETRAN/RS,
órgão oficial de trânsito do Rio Grande do Sul*

Capítulo XXI

O que Pelé ainda não imaginava era que a rota do sucesso ainda não estava definitivamente traçada.

Suas exhibições Brasil adentro despertaram na Cruzeiro do Sul e na Esquire planos bem mais audaciosos que os já postos em prática àquela altura. Ainda que em proporções bem mais modestas, tanto a propaganda de ontem como a de hoje possuem a inspiração como combustível primordial. Era simplesmente impossível, portanto, deixar passar a oportunidade de agregar mais dividendos à marca difundida. Em face da avalanche de matérias nos diversos meios de comunicação, as quais se multiplicavam em todos os estados, seria desastroso não aproveitar a exposição positiva em outras praças. Já que a campanha surgira a partir de inserções do filme publicitário original em algumas grandes cidades da América do Sul, para, a partir daí, ganhar as mídias e as praças brasileiras, por que não inverter a rota de sucesso levando o astro principal para exibir seu bailado nas capitais do mesmo continente. Parecia tão óbvio o resultado, que seria impensável não tentar. Como reforço à nova estratégia, a capilaridade do nome "Pelé" no cenário nacional, naquele momento, potencializava

a probabilidade de sucesso da Cruzeiro do Sul nos países coirmãos.

Rapidamente, os profissionais encarregados do mapa da publicidade da Esquire Produções confeccionaram uma nova rota para o produto baiano, um verdadeiro produto de exportação, dessa vez buscando o mercado externo. Seriam mantidas as apresentações já previstas em nosso país, o que se modificaria eram as inclusões foras das fronteiras brasileiras.

Novamente, o contato com a Polícia Militar da Bahia para efeito de liberação de Pelé foi mantido sem maiores dificuldades. No Boletim Geral Ostensivo da Corporação, documento que noticia os fatos de conhecimento geral da PM, datado de 28 de agosto de 1974, a autorização publicada dava conta da ausência do país de Pelé entre o mesmo dia da edição do citado documento até 17 de setembro do mesmo ano.

Por sua vez, ao saber da novidade, Pelé sentiu novamente uma sensação inquietante. Ainda que a euforia do público e o assédio da imprensa não se constituíssem mais em uma novidade, de maneira que a ansiedade já era possível de ser dominada após os primeiros minutos de exposições, outras terras, com gente e clima desconhecidos eram perspectivas que o intimidavam.

Além disso, que dizer dos costumes relacionados ao trânsito, pois Pelé bem sabia que as legislações eram distintas de um país para o outro? No fundo, no fundo, havia o medo de fracassar em algum desses locais e pôr tudo a perder. Era, na essência dos fatos, uma aposta arriscada.

Passado o receio inicial, Pelé foi convencido da propriedade de aceitar as exposições em solos estrangeiros.

Para tanto, é claro, bateu forte o acerto financeiro celebrado entre as partes. Se já havia amealhado uma quantia considerável quando das exposições no Brasil, o montante cresceu substancialmente no plano internacional.

Através do acordo firmado, ficou decidido que os valores seriam mantidos em sigilo, o que foi rigorosamente cumprido. Tal medida se mostrou acertada em razão do crescente assédio dispensado a Pelé. Natural que as pessoas, diante do meteórico sucesso, imaginassem que ele ficara rico da noite para o dia, ainda que isso não correspondesse à verdade, era fato que a situação financeira dera um salto quantitativo acentuado, principalmente se fosse comparada com a não tão distante época em que o soldo era sua única e diminuta fonte de renda.

Os benefícios auferidos com a campanha já o impulsionava a pensar na aquisição de uma casa própria, conquista demasiadamente distante há poucos meses.

A reboque do sucesso de público, termômetro empregado como balizador do projeto internacional, foram escolhidas as cidade de Bogotá (Colômbia), Montevideu (Uruguai), Assunção (Paraguai), Quito (Equador), Caracas (Venezuela) e Buenos Aires (Argentina) como sedes das exposições na América do Sul. Além de serem capitais de seus respectivos países, representavam centros de propagação de qualquer novidade que surgisse, motivo pelo qual haveriam de ecoar o desempenho do aspirante a astro internacional e, por consequência, catapultar as vendas da companhia aérea patrocinadora. Outro aspecto relevante, que fortalecia a crença no sucesso da campanha, era o fato de que o início da ascensão de Pelé se dera justamente naquela região, uma vez que o comercial que o tornara famoso fora lançado ineditamente nos países agora visitados.

Vencidas as primeiras dúvidas, Pelé e comitiva começaram a se preparar para mais um desafio, dessa vez longe de sua terra e de sua gente.

Capítulo XXII

Antes do embarque internacional, todavia, restavam ainda algumas importantes cidades brasileiras a visitar.

Em Brasília, Pelé desembarcou a 17 de agosto de 1974, sendo homenageado desde a chegada por um grande aparato, inclusive, ainda dentro do avião que o transportara para a capital do país, ao observar a aglomeração no saguão do aeroporto imaginou que alguma autoridade de grande porte estivesse dentro da mesma aeronave.

O susto foi grande quando todo aquele povo veio em sua direção, saudando-o carinhosamente. Na manhã da segunda-feira, dia 19, Pelé iniciou uma extensa agenda social, começando por uma visita ao diretor do Departamento de Trânsito do Distrito Federal, o baiano Joseval de Brito Carneiro, ocasião em foi agraciado com um diploma de Honra ao Mérito; em seguida, foi recebido pelo então Comandante-Geral da PMDF, Coronel Atauhalpa; às 10h30min finalizou o ciclo de visitas ao ser recepcionado pelo Secretário-Geral do Ministério da Justiça, Dr. Paulo Cabral de Araújo, e pelo Diretor do Conselho Nacional de Trânsito, Dr. Sílvio Carlos Diniz Borges. Por volta de 11h30min, Pelé se deslocou em uma viatura do DETRAN, acompanhado de dois batedores

da PMDF, à Avenida W3, a fim de mostrar um pouco do que o Brasil já conhecia, mas não se fartava de ver.

O ponto escolhido foi a quadra 508, à frente da Escola Parque, que desde cedo contou com um grande número de populares atraídos pela farta propaganda gerada pelos meios de comunicação. Na hora inicial, o cálculo era de seis mil pessoas, aproximadamente. Já nos primeiros movimentos, Pelé, rigorosamente uniformizado com a farda da PM da Bahia, capacete na cabeça, camisa de mangas compridas e calça cáqui, cinto branco característico do policiamento de trânsito e coturno preto nos pés, devidamente auxiliado pelo inseparável apito, assumiu o controle do tráfego de veículos. Ao girar em todas as direções exibindo seu caprichado gestual, ele carregou para si toda a atenção da platéia, a qual lutava penosamente para se posicionar no melhor lugar objetivando não perder um só detalhe. Até mesmo os locais mais inusitados, como abrigos de ônibus e árvores, serviram para acomodar os fãs. Em pouco tempo, o tumulto se agravou.

A certa altura da apresentação, uma assistente mais entusiasmada, Delsa Rodrigues Campos, avançou o limite estabelecido para o público guarnecido por policiais do DF e, sem a menor cerimônia, beijou na face carinhosamente por quatro vezes o atônito guarda. Foi

o suficiente para que a multidão desrespeitasse qualquer barreira e invadissem as pistas, gerando o cancelamento parcial do evento. A estratégia adotada pelo capitão Bauer e pelo tenente Carlos, comandantes do policiamento na ocasião, foi a de fazer circular a notícia que o evento havia acabado e que a comitiva retornaria ao Torre Palace Hotel, onde o protagonista do show estava hospedado. A seguir, escolheram um ponto mais apropriado para dar continuidade à tão aguardada exibição. Pelé se dirigiu à quadra 504, onde, finalmente, entre acenos e aplausos, conseguiu mostrar a que veio. Curioso que a multidão aclamava a todo o momento os gestos sincronizados de Pelé, bem como vaiava aqueles motoristas que desobedeciam suas ordens, como pôde constatar o condutor do táxi de placa TX-2810 ao avançar o espaço por distração com o próprio espetáculo. Enfim, por volta das 13 horas, exausto, mas satisfeito, Pelé concluiu seu show e se despediu da calorosa assistência, deixando para trás uma enorme confusão com algumas crianças perdidas, pequenos acidentes de veículos, a exemplo da colisão entre o Vemag AC-4100 e o Volks AL-6559, e gente, muita gente, de todas as idades, satisfeitas com o espetáculo ao vivo. Mesmo que o evento já alcançasse o intento perseguido pelos patrocinadores era prudente encerrar a apresentação, mesmo porque o público já invadira uma das três fai-

xas destinadas ao trânsito, diminuindo perigosamente o espaço para a circulação dos veículos.

Natural que a apresentação ganhasse destaque no dia seguinte. Com efeito, a mídia da época repercutiu os acontecimentos, saudando efusivamente o simpático personagem da Bahia. Em complemento à programação, Pelé, já trajando uma vistosa túnica cáqui envergada apenas em ocasiões solenes por policiais militares baianos, foi recebido pelo Governador do Distrito Federal, Dr. Elmo Serejo Farias, ele mesmo um administrador preocupado com o sistema viário da cidade, em uma visita de cortesia na sede daquele Poder, o Palácio Buriti.



Brasília rende-se ao Guarda Pelé.

Ao partir da capital Federal, no dia 22 do mesmo mês, Pelé certamente se regozijou com a publicação em editorial do jornal Correio Braziliense que, sob o título de "Guarda Pelé", enaltecia o trabalho desenvolvido pelo soldado Armando, ressaltando o amor que este nutria pela sua profissão, o qual, dizia a nota, merecia ser reproduzido pelos seus pares. Ainda segundo a publicação, que enumerava as deficiências dos profissionais de trânsito da cidade, o DF merecia muitos "Pelés", como forma de ajudar a construir uma imagem de Capital Federal verdadeiramente civilizada.

Estava conquistada a capital do Brasil.

Capítulo XXIII

Ainda no desenrolar dessa fase, a programação previa uma exibição, nada mais, nada menos, na “Cidade Maravilhosa”. Sim, o Rio de Janeiro, que Pelé só conhecia das notícias exibidas pelos meios de comunicação, os quais faziam sempre questão de ressaltá-la como um local mítico, de belezas naturais incomparáveis. Era o local preferido pelos artistas, cenário da maioria das novelas, por isso mesmo considerado uma caixa de ressonância aos demais estados do Brasil. Lógico que uma exibição naquele lugar continha uma importância ímpar. Ademais, por ser um destino de múltiplas finalidades, notadamente turístico, era considerado estratégico pela companhia patrocinadora.

Como nem tudo pode ser perfeito, algumas vezes se encarregavam de direcionar opiniões negativas ao desempenho do guarda de trânsito mais querido do Brasil.

Mesmo no Rio de Janeiro, local onde pretendia caprichar nas apresentações, surgiram questionamentos ao modo de trabalho desenvolvido por ele. Zózimo Barroso do Amaral, prestigiado colunista do Jornal do Brasil, e nome de referência na imprensa escrita nacional, era um dos detratores de Pelé. Mais de uma oportuni-

de, não poupou ácidas críticas ao método desenvolvido pelo astro em ascensão, tachando-o de “ridículo”, “mediocre” e “subdesenvolvido”, além de comparar os gestos do guarda ao de “um ginasta com indícios sérios de insuficiência motora”.

Setembro de 1974 trouxe aquela ansiosidade pela tão esperada visita ao Rio de Janeiro. A Esquire Propaganda tinha a exata noção da importância do projeto que exibia Pelé no aumento das vendas de passagens aéreas pela Cruzeiro do Sul. A antiga Capital do país respondia como principal porta de entrada aos turistas de todo o mundo. Era destino procurado, de igual forma, por aqueles que se dedicavam aos negócios e, finalmente, pelos brasileiros de outros estados, ávidos em conferir as belezas de toda ordem fartamente divulgadas pelos meios de comunicação. Sobretudo, possuía o Rio de Janeiro uma das melhores estruturas do país para atendimento aos visitantes, isso em um Brasil que ainda não despertara por completo para a importância do turismo.

O local escolhido foi a estrada Vicente de Carvalho na confluência com a Praça Aquidauana, que seria o palco para duas apresentações. Costumeiramente problemático, a via merecera sempre atenção especial das autoridades de trânsito da região. Outro critério uti-

lizado para a escolha foi a distância prudente com o centro da cidade. Ressabiados com a confusão observada nos muitos pontos centrais das cidades onde Pelé se apresentara até aquele momento, os cariocas não quiseram pagar para ver. Mesmo porque a programação da exibição para um local um pouco mais distante do coração da cidade não significava que as atenções fossem diminuídas.

Com efeito, no dia 9 de setembro de 1974, Pelé comandou as ações no lugar marcado perante um numeroso público. Bem verdade que o trânsito não ofereceu grandes resistências, contudo, o que valeu mesmo foi o calor do público, coisa que Pelé já estava acostumado, mas que recebeu com especial deferência em razão do simbolismo que representava o trabalho na vitrine do Brasil.

Outra grata surpresa foi o oferecimento, pela International Telephone and Telegraph Corporation (ITT), cuja fábrica Standard Electric, no RJ, situava-se estrategicamente nas proximidades do ponto escolhido para as exibições, de um “Certificado ZD”, o zero defeito, marco inicial da campanha do mesmo nome instituída pela multinacional para homenagear seus funcionários que melhor assimilassem a técnica. A menção foi a primeira a ser entregue em uma das sedes na América

Latina, cuja entrega foi feita pelo próprio autor da campanha, o diretor de qualidade da ITT e um dos vice-presidentes da organização, Sr. Phillip Crosby, que fez questão de ser filmado e fotografado acompanhado do famoso guarda. Com a maciça afluência da mídia, o evento ganhou uma promoção intensa, rendendo a Pelé farto noticiário jornalístico.

No dia 10 do mesmo mês, a apresentação foi repetida, dessa vez com Pelé mais ambientado, o que lhe permitiu desenvolver o trabalho de maneira mais fluida, contando sempre com relevante participação popular.

Era o que faltava. Vencidas as principais capitais, os patrocinadores miravam agora em alvos de maior envergadura, correndo contra o tempo objetivando extrair o máximo daquele veio de ouro.

Capítulo XXIV

A primeira apresentação internacional se deu no local mais apropriado para tal fim. Foi efetivamente em Bogotá, Capital colombiana, que o filme publicitário da Cruzeiro do Sul começou a carreira de Pelé. Foi lá que os espectadores nos diversos cinemas espalhados pela cidade aplaudiam e pediam bis todas as vezes que a película era exibida. Filas se formaram nas portas, não só para apreciar os filmes principais, mas, e muitas vezes principalmente, para assistir as evoluções dele, ainda que por breves segundos inseridos no comercial produzido pela Esquire. A cidade, portanto, como era de se esperar, fez jus ao fato de ajudar a criar o novo astro internacional.

Bogotá recebeu a visita de Pelé e comitiva a partir do dia 3 de setembro de 1974. Antes disso, os quatro cantos da cidade já comentavam a exibição. O sucesso do comercial lançado pela companhia de aviação ainda era recente na mente da população, o que acarretava grande inquietação popular na medida em que o evento se aproximava.

Logo na chegada, a primeira surpresa: no aeroporto, foi recepcionado por um enorme aparato militar. Lá es-

tavam, além, é claro, de populares ansiosos por conhecer a atração que há meses impressionava a todos nos meios de comunicação, uma comitiva de militares de alta patente, situação que embarçou o humilde soldado da PM da Bahia. A explicação, em parte, para aquele aparato foi desvendada após uma pergunta de um dos oficiais colombianos traduzidas por um intérprete (afinal de contas Pelé não conseguia decifrar muito bem aquela língua tão enrolada). Este procurou saber quantos homens Pelé comandava no Brasil, certamente por entender que um militar tão famoso em seu país deveria possuir, também, alta patente.

Pelé se surpreendeu, de igual forma, com a presença da tenente Carmenza Ramirez, uma das responsáveis pelo controle de trânsito na cidade, que era exercido em grande parte por mulheres, “as patrulleras”. Numa época em que o serviço policial no Brasil era composto prioritariamente por agentes do sexo masculino, não havia como demonstrar estupefação com o fato.

Visitou depois a Secretaría de Transporte y Tránsito de Bogotá, recebendo informações sobre o trabalho nas ruas da capital colombiana. Descansou em seguida no Hotel Tequendama, aguardando o dia seguinte para a apresentação.

Às 11 horas da manhã, Pelé posicionou-se na Avenida Jiménez, cuja movimentação era costumeiramente crítica em qualquer horário do dia. Logo, logo, a rotina se repetiu. Pedestres e motoristas, como citou o jornal “El Tiempo”: “escasos de espectáculos y curiosos em exceso”, se aglomeraram ao redor da atração. Bastaram cinco minutos para que a exibição fosse inviabilizada. Pelé esforçou-se ao máximo, trilhando seu apito, girando, gesticulando etc., mas foi inútil. Objetivando destravar o congestionamento que se formara, a solução foi encerrar o evento e bater em retirada para o hotel, não sem antes, é claro, distribuir autógrafos e posar para fotografias.

No turno da tarde, outra apresentação foi programada, dessa vez contando com um suporte maior do Batalhão de Tránsito da cidade, para a esquina da Avenida São Francisco. Ajudado pelo aparato, o trabalho foi um sucesso. O mesmo jornal, no dia 5, em uma matéria intitulada “Armando piii”, resumiu bem o que se seguiu quando Pelé findou o evento: “Al terminar, levantó los brazos al estilo de un ciclista que cruza primero la meta, y el público le respondiô con miles de aplausos.

Las patrulleras comentaban que “ese es mucho macho para bolear brazos e pitar...”.

No dia posterior, com a certeza de que a missão, mais uma vez, fora cumprida, Pelé se despediu de Bogotá sob aplausos.

Capítulos XXV

Não era possível mesmo deixar de pensar no Brasil.

Aquele frio intenso, aquela brisa lenta, mas cortante, que penetrava no agasalho, na farda, no coturno, nas várias meias e camisas sobrepostas, traziam a todo o momento a lembrança do sol amado, do calor da terra e da gente brasileira. Era sobre-humano para Pelé se movimentar naquele gelo. Já ouvira falar do clima na Argentina, até prevenira-se quanto a isso adquirindo casacos, camisas, gorros etc., pensando em minimizar os efeitos, mas a coisa era mais grave do que imaginara.

Em 15 de setembro de 1974, Pelé precisou de muita resignação e força de vontade para atuar no trânsito de Buenos Aires. A configuração do trânsito, com suas ruas extremamente largas e tráfego fluindo rapidamente, exigiram dele o máximo de movimentação, improviso e dinamismo. A Avenida 9 de Julho, considerada a mais larga do mundo e tradicional ponto turístico da cidade, solenemente enfeitada pelo Obelisco, deu muito trabalho ao nosso viajante. Atuou em outra exibição, desta vez entre as ruas Lavalle e Suypacha, às três da tarde, sem maiores dificuldades. Apesar do tamanho das ruas, pôde observar que os motoristas eram mais

disciplinados que os brasileiros, o que facilitou o trabalho.

No dia seguinte, em visita ao tradicional jornal "Clarín", acompanhado pelo diretor da Cruzeiro do Sul, Getúlio Rocha da Silveira e, como sempre, do seu empresário Alvaro Sarlo, explicou sua trajetória e foi reconhecido com uma matéria no dia seguinte, 16, sob o título "El Día que Pelé Dirigió em Tránsito de Buenos Aires", onde opinavam sobre a forma de atuação do guarda de trânsito, "más propios de um bailarín de ballet que de agente de policía." Apesar disso, reconheciam os benefícios do trabalho, declarando, ao final, que "Pelé y sus dos acompañantes dejaron el diario tras la aclaración, pero el original personaje nos dejó una sensación de alegría que nos hizo seguir pensando em la balada y en los locos lindos".

Capítulo XXVI

Como tudo tem seu preço, Pelé acusou o golpe desferido pelas sucessivas demonstrações. Mesmo que o tratamento a ele dispensado fosse de excelência, hotéis e mais hotéis, recepções, entrevistas, solenidades, o assédio do público e as intermináveis horas passadas dentro de aviões ou em saguões de aeroportos, nos pouco mais de dois meses desde que partira da Bahia, o levaram quase que a exaustão. Somado a isso, havia também a expectativa gerada a cada apresentação, a concentração que tinha que reunir, mesmo que as multidões o cercassem barulhosamente, de sorte a executar seu trabalho com a precisão necessária, embora contribuindo para um desgaste acelerado. Havia ainda a necessidade de rever a família, que insistentemente o cobrava nesse sentido, e os muitos amigos que fizera. Por fim, era uma rotina estranha para aquele soteropolitano que poucas vezes se ausentara do seu local de nascimento, alçado repentinamente à condição de fenômeno midiático internacional, percorrendo, em razão disso, territórios que jamais imaginara pisar. Esses acontecimentos fizeram com que Pelé solicitasse uma pausa para descanso, dessa vez retornando à sua terra, com o fito de arrumar as

coisas e as ideias. Pensava retomar a programação após um breve período, mais tranquilo em relação às suas necessidades particulares.

Aceita a solicitação, não sem certa resistência, Pelé desembarcou no aeroporto 2 de Julho, em Salvador, às 13 horas do dia dezoito de setembro de 1974. É claro que toda aquela maratona largamente coberta pela imprensa não poderia passar despercebida na terra que gera o fenômeno. Ao descer do avião, Pelé teve a nítida sensação do que representara para a Bahia seus aproximados sessenta dias passados em outros lugares.

Após cerca de quarenta cidades percorridas, no Brasil e no exterior, 33 mil quilômetros de voo, correspon-



Sendo recepcionado pelos colegas no aeroporto quando do retorno à Bahia, após a primeira excursão

dente a 48 horas e 45 minutos a bordo de aviões, foi com extrema satisfação que visualizou um contingente representativo de companheiros de farda a aguardá-lo no saguão do aeroporto. Verdade que o único oficial que o recepcionou foi o tenente Washington Acácio Damasceno, relações públicas do 6º Batalhão da Polícia Militar, Unidade a qual Pelé pertencia, mas era o que menos importava. Percorreu o corredor formado para ele com indiferente alegria. Concedeu ali mesmo entrevista à imprensa, em meio aos populares que se acotovelavam para cumprimentá-lo, e embarcou no Rolls Royce modelo Silver Shadow Long, de propriedade do excêntrico milionário Abdalla Gaid, importado em julho dos Estados Unidos por uma fortuna e especialmente cedido para conduzi-lo naquela ocasião.

Dali, seguiu inicialmente para a sede do 6º Batalhão, a fim de se apresentar ao comandante, à época, major Luís Carlos Macieira, do qual recebeu a permissão de descansar em sua residência, no bairro do Acupe de Brotas. Era desejo de Pelé, conforme declarações dele próprio, retomar, inclusive, o trabalho nas ruas o mais breve possível.

A Cruzeiro do Sul, entretanto, não queria deixar passar mais aquela oportunidade de auferir benefícios com o “guarda Cruzeiro”. A Bahia era um destino promiss-

sor, a principal cidade do Nordeste e terra natal do protagonista de sua peça publicitária mais famosa.

Algumas ações bem montadas ajudariam a identificar a marca com o povo baiano, o mesmo povo que idolatrava Pelé há anos, mesmo quando nem se sonhava com o sucesso repentino.

Por isso, a melhor forma encontrada foi a de levar agradecimentos à Polícia Militar da Bahia pela liberação de Pelé, com a presença deste, é claro, homenageando-a por tabela. Dada a importância da missão, a Cruzeiro do Sul destacou para comandá-la o presidente da empresa, Sr. Leopoldino Cardoso Amorim Filho. Como prova da importância da empreitada, a comitiva foi composta por Carlos Eduardo Camelier, assessor da presidência, José Augusto Ribeiro, diretor dos Diários Associados e Fernando Barbosa Lima, presidente da Esquire Propaganda e verdadeira lenda da publicidade brasileira, já falecido. De quebra, foi organizada uma reunião com os diretores da Cruzeiro do Norte/Nordeste, nos dizeres do presidente “para verificar a relação existente entre a praça de Salvador e as demais da região.”

A cerimônia ocorreu no dia seguinte, 19, no Quartel dos Afritos, sede do comando da PM. No Salão Nobre

do quartel, o então comandante-geral, coronel Durval de Matos Santos, foi presenteado com uma miniatura de um Boeing 727. Em seguida, entregou a Pelé, que fez questão de levar todas as medalhas, distintivos, diplomas etc., recebidos durante a viagem, um brevê em ouro simbolizando o agradecimento da empresa pelos serviços prestados. Ao fazer um pronunciamento, o presidente fez questão de exaltar a personalidade de Pelé, exaltando-lhe a humildade e disciplina, esta última, segundo ele, prova incontestada da formação ministrada pela PM. Continuou exaltando o fato dele,



Da esquerda para a direita: os à época majores Flodoardo e Jarbas, Pelé, Alvaro Sarlo, o então comandante-geral da PM, coronel Durval de Matos Santos e o Sr. Leopoldo Amorim, presidente da Cruzeiro do Sul, que entregou aos anfitriões uma miniatura de um Boenig da empresa, no Salão Nobre do Quartel dos Afritos

em que pese toda a fama adquirida nos últimos meses, sempre se manter focado na sua função de policial de trânsito, dedicando especial atenção ao público, notadamente o infantil.

Interessante, durante seu discurso, foi a revelação feita pelo presidente da Cruzeiro do Sul no Brasil que em Bogotá, na Colômbia, quando do início das exibições do premiado comercial encomendado pela empresa, fora realizada uma pesquisa entre o povo para saber qual a imagem mais marcante, escolha que recaiu, quase com unanimidade, sobre Pelé, fato que pesou decisivamente para sua escolha como garoto propaganda.

Aos que pensavam que os fatos haviam mudado o pensamento e a forma de ser de Pelé, certamente estranharam suas declarações dando conta que o que ele pretendia mesmo era entrar novamente em atividade.

Declarou também que em nenhum momento pensou em abandonar a função de guarda de trânsito, ofício ao qual dedicava genuína devoção.

O que Pelé não imaginava, porém, é que seu retorno à Bahia não significava, necessariamente, uma paralisação das exibições até então recheadas de sucesso. A fama cobrava seu preço em forma de convites os mais variados, alguns deles, a bem da verdade, nem sem-

pre atraentes para Pelé. Sem contar a necessidade de acompanhar o cotidiano da família, prejudicada com o assédio até quando Pelé se encontrava em Salvador. A residência era procurada por um grande número de pessoas, amigos e desconhecidos, roubando-lhes a privacidade nos momentos mais necessários.

Literalmente exausto, desgastado pelas longas viagens e pela diferença de clima, seu maior adversário na programação internacional, resolvera, dessa vez, dar um tempo maior para novos compromissos. Manter tal, decisão, contudo, era extremamente difícil em razão do assédio resultante da fama adquirida.

Mesmo para um apaixonado pelo que fazia, Pelé começava a cansar de ser famoso.



Pelé se rendendo ao cansaço

Capítulo XXVII

Contrariando suas expectativas na volta à Bahia, se nosso guarda de trânsito pensava em descanso, não era justamente isso que aconteceria. Os reflexos das viagens iniciais não saíam da mente do público e a empresa de publicidade, juntamente com a companhia aérea, continuou a programar apresentações em vários destinos.

A novidade é que outros órgãos ligados ao Poder Executivo baiano passaram a utilizar a imagem de Pelé em inúmeros eventos, tais como feiras, inaugurações, campanhas publicitárias etc. Como se não bastasse, passou a ser convidado para efetuar palestras sobre Trânsito em escolas, públicas e particulares. Como o público-alvo era constituído na maioria de crianças, a elas dedicava sempre especial atenção, uma vez que reconhecia o fascínio do público infantil para com ele. Tratava-as até, indistintamente, pelo apelido carinhoso de “joinha”, coma forma de retribuir, nem que fosse minimamente, tanta dedicação.

Havia ainda a fama adquirida entre seus pares. Pelé passou a ser considerado um sinônimo de sucesso, admirado pelos demais policiais militares, ainda que persistisse a desconfiança e a inveja de muitos. O cabo Ed-

valdo da Silva Sacramento, por exemplo, conhecido na cidade como Ed Sacramento, era um misto de PM e músico, cantando e compondo diversos sambas, alguns com relativa notoriedade popular. Era figura carimbada nos círculos musicais da cidade. Inspirado pela trajetória do colega, apresentou em setembro de 1974, durante o festival da Mobralteca, um evento organizado pelo antigo Movimento Brasileiro pela Alfabetização (MOBRAL) destinado a propagar a cultura pelas cidades brasileiras, um samba intitulado "Um Guarda chamado Pelé", onde enaltecia as qualidades do companheiro de farda mais conhecido.

A Semana Nacional do Trânsito, edição Bahia, aberta oficialmente com uma exposição no foyer do Teatro Castro Alves pelo Secretário de Segurança Pública de então, coronel Joalbo Figueiredo, com a presença do diretor do DETRAN, coronel João Araújo, foi anunciada tendo Pelé, a bordo de uma possante moto do Pelotão Água recentemente equipada com um rádio transmissor, como principal atração, chegando a participar de uma sessão de autógrafos, exibindo também ali seus troféus. Nem mesmo os novos modelos de sinaleiras instaladas na cidade do Salvador, nem os novíssimos aparelhos chamados bafômetros, inventados para afe-

rir o nível de álcool ingerido pelos motoristas, também apresentados no evento, conseguiram maior destaque.

Mesmo as apresentações, motivo maior do desgaste de nosso personagem, não foram abandonadas. Em que pese a diminuição do ritmo das viagens, continuaram as exibições tanto no plano doméstico, a exemplo da verificada na segunda maior cidade do Estado da Bahia, Feira de Santana, em outubro daquele mesmo ano, quanto no âmbito interestadual. Em Feira de Santana, como prova do inabalável prestígio até então, mais uma vez, não houve condições de dar seguimento à apresentação, pois a confluência das avenidas Getúlio Vargas, Senhor dos Passos e Praça João Pedreira, local escolhido pelo, à época, comandante do 1º Batalhão de Polícia Militar da Bahia, tenente-coronel João Longuinhos da Fonseca, não suportou as cerca de cinco mil pessoas presentes, gerando o cancelamento do evento.

Aliás, diga-se de passagem, inúmeras cidades do interior da Bahia, a exemplo de Ilhéus, Itabuna e Senhor do Bonfim, também se regozijaram com as apresentações de Pelé.

No plano nacional, mesmo que uma diminuição considerável se verificasse, Pelé continuou a aprontar das suas. Em 4 de dezembro de 1974, uma exibição na

cidade de Vitória, capital do Espírito Santo, não ocorreu devido, mais uma vez, ao gigantesco assédio popular. As estimativas foram díspares: enquanto o órgão de trânsito da cidade calculou a assistência em cerca de cinco mil pessoas, outros, como a própria imprensa, que repercutiu o evento mesmo na cidade de São Paulo, conforme o publicado na edição de "O Estado de São Paulo", no dia 6 de dezembro daquele ano, contabilizou, aproximadamente, dez mil pessoas. O fato é que Pelé permaneceu no interior de um veículo oficial nas proximidades da Avenida Jerônimo Monteiro, lugar previsto para a apresentação, das 13 às 16 horas e 45 minutos, cercado pelos populares que o aguardavam.

Do lado de fora, prepostos do Batalhão de Choque tiveram que agir com energia para controlar o tumulto, no qual várias pessoas ficaram levemente machucadas, e algumas foram presas. Entre estas últimas, curiosamente, foi registrada a do filho do Dr. Élcio Álvares, futuro governador daquele estado, empossado no ano seguinte, 1975. Quando as coisas se acalmaram, foi o próprio Pelé que se recusou a trabalhar. Alegou, serenamente, que após tantas horas de tumulto os condutores não teriam a necessária paciência para atendê-lo.

Capítulo XXVIII

1974 foi embora e com ele um período inesquecível na vida de Pelé e daqueles que o cercavam. Apesar de cansado, tinha a consciência de que a sorte lhe sorrira, escolhendo-o entre milhares de companheiros de profissão para, a partir do objeto de seu trabalho, ser reconhecido internacionalmente. A partir de sua volta à Bahia, mesmo que não cessassem, as apresentações, notadamente em outros estados, como já vimos, diminuíram consideravelmente. O que ele esperava agora era que no ano vindouro, 1975, as coisas se ajustassem melhor para que a fama pudesse ser aproveitada mais tranquilamente. Já existia por parte da Cruzeiro do Sul/Esquire um aceno no sentido de levá-lo para além-mar, em outras palavras, ao continente europeu. Materializando a proposta, os executivos da empresa acenaram, dessa vez concretamente, com a assinatura de um contrato em bases financeiras amplamente mais vantajosas das até então praticadas, sinalizando para uma confortável estabilidade econômica, meta ainda longe de ser atingida por ele. Ainda que tal proposta significasse, ele imaginava, uma nova avalanche de viagens e compromissos, dessa vez em escala intercontinental, Pelé não era bobo. Sabia

que o passo em direção a tão sonhada estabilidade financeira era decisivo, e não era louco de deixá-la passar.

Mas o destino, sempre ele, o mesmo que o colocara naquele patamar até ali, preparava mais um ato de sua interminável peça.

Para explicá-lo, é necessário, entretanto, que nos debrucemos às reviravoltas que os acontecimentos históricos nos enredam. Sim, porque mesmo a trajetória de um humilde policial militar da provinciana Salvador dos meados da década de 1970, alçado à condição de superstar momentâneo, não restaria incólume aos acontecimentos entrelaçados no tabuleiro denominado Terra.

Descobriu-se naquela oportunidade que o petróleo, combustível fóssil e não renovável, começara a dar sinais de esgotamento, o que fez o preço do produto subir vertiginosamente. A Organização dos Países Produtores de Petróleo, OPEP, fez o preço do produto aumentar em quase 400%, arrastando o mundo para uma série crise. Na esteira desses acontecimentos, a indústria da aviação, dependente em primeiro grau de combustível derivado de petróleo, seguiu até onde conseguiu a escalada dos preços. O resultado, sob esses e outros pontos de vista, foi catastrófico para a economia mundial. Diante daquele panorama, a necessidade de conter

gastos atingiu em cheio alguns setores, dentre eles o da publicidade. A consequência mais imediata, na história em apreço, foi a paralisação da vitoriosa campanha que Pelé protagonizara até aquele instante.

Promessas não faltaram para que assim que as coisas se normalizassem o trabalho fosse retomado. Havia, sim, a pretensão de que isso acontecesse, contudo, as leis do mercado não esperam e a oportunidade se esvaiu com o tempo.

O significado foi que o boom nacional proporcionado pela aparição de Pelé afundou em paralelo com a alta do preço do petróleo. Um ano depois, restaram ainda o prestígio e a fama adquiridos com a campanha da Cruzeiro do Sul, mas a fulgurante trajetória de norte a sul do país rareou consideravelmente, enquanto as viagens ao exterior ficaram no passado.

Apesar disso, o impacto provocado pela peça publicitária da Cruzeiro do Sul ainda ressoava. Em junho de 1975, a propaganda que repercutira internacionalmente no ano anterior abocanhava mais um prêmio. Dessa vez, a conquista foi o Leão de Prata do 22º Festival International du Film Publicitaire de Sawa, em Veneza, Itália, realizado entre os dias 23 e 28 de junho daquele ano. O evento até hoje é reconhecido como a

meca da publicidade mundial, fato que realçava ainda mais a conquista por parte de Andres Bucowinski e equipe.

Mesmo assim, o declínio natural da propaganda fez com que Pelé iniciasse uma nova fase em sua vida.



Andres Bucowinski posa entre suas conquistas com o Leão de Prata do 22º Festival Internacional do Filme Publicitário de Sawa, ganho em Veneza, em 1975, com o comercial da Cruzeiro do Sul.



Detalhe do prêmio

Capítulo XXIX

O que efetivamente aconteceu a partir de 1975 foi a acomodação do sucesso desfrutado por Pelé, especialmente no ano que findara. Claro que o próprio Pelé concorrera para tal, uma vez que, como já vimos, a tempestade em forma de viagens e apresentações exauriram as forças da atração internacional. Com a crise do petróleo a realidade era outra. A rotina, então, foi restabelecida: Pelé retornou às ruas e ao calor do público baiano, que continuou a apreciar o espetáculo por ele proporcionado.

No campo profissional, entretanto, Pelé enfrentou muitas dificuldades. Inúmeros colegas faziam questão de depreciá-lo, não perdiam uma oportunidade sequer de criticá-lo, provavelmente incomodados com a fama adquirida pelo companheiro de trabalho em escala internacional. Embora continuasse a ser requisitado em incontáveis eventos, as atuações não lhe rendiam maiores benefícios, especialmente financeiros, algumas até trazendo-lhe prejuízos, a exemplo do afastamento da família durante as viagens.

Estrelou muitas campanhas de trânsito, não importando qual a gestão que as empreendesse. Continuou,

também, a ministrar palestras em escolas, ofício que ele particularmente adorava. O contato com o público infantil sempre o estimulou e a retribuição era na mesma medida.

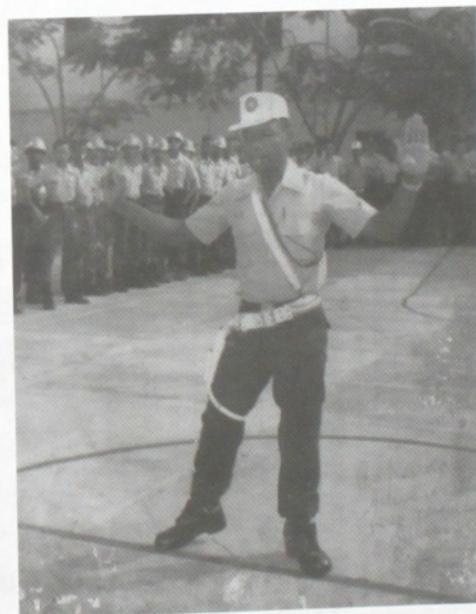
Com o passar do tempo, as dificuldades financeiras retornaram. O numerário auferido, ainda que suplantasse em muito o pequeno soldo recebido ao final de cada mês, não poderia ser considerado nenhuma fortuna. Verdade que Pelé não possuía um preparo adequado que gerasse a multiplicação do que recebera, aliado ao fato de que os ganhos acertados durante a campanha estavam longe de significar uma independência financeira. O montante que, certamente, traria um con-



Sendo homenageado durante uma partida de futebol em Itabuna/Ba.

forto significativo se perdeu quando da interrupção da campanha pela Cruzeiro do Sul, desafortunadamente. Sem maiores alternativas, Pelé retornou ao volante de coletivos, única forma encontrada para complementar o salário e sustentar a família.

Não reclamava de nada. Não se revoltou nem mesmo quando a casa em que residia sofreu sérias avarias causadas por um severo temporal e Pelé foi obrigado a pedir socorro ao seu comandante de então, do qual recebeu a resposta que deveria procurar “seu padrinho, ACM”. Pelé sabia que muitos não engoliam o fato, mesmo já decorridos alguns anos, daquele humilde soldado figurar no topo das notícias produzidas pelos meios de comunicação, todas elas positivamente.



A muito custo, foi relacionado, no ano de 1984, para

Exibindo-se para colegas no pátio do antigo 7º batalhão da PM, no Forte do Barbalho, já na década de 1980

o curso de formação de cabo na PM, após o que foi promovido em dezembro daquele mesmo ano. Em que pese a ascensão profissional, àquela altura já não sentia o mesmo ânimo para exercer a profissão, além do que considerava que sua missão estava cumprida. Desde que ingressara na PM sempre procurou trabalhar com seriedade, dignificando a profissão. Ainda que as dificuldades fossem muitas e de diferentes naturezas, reconhecia a importância da carreira policial militar em sua vida. Encerraria seu ciclo bem melhor do que quando entrara.

Pensando nisso, o “guarda Pelé”, o “guarda Cruzeiro”, o “rei do trânsito”, o “rei do apito”, o “pelé del pito”, aos cinco dias do mês de julho de 1985, num período total de trinta anos, dois meses e nove dias, computados os períodos de férias e licenças não usufruídas, com a remuneração de Cr\$ 1.389,375 cruzeiros, viu seu instrumento de passagem para a reserva remunerada publicado.

Não obstante o afastamento das ruas em sua forma mais usual, Pelé continuou com o compromisso de atender as solicitações emanadas da PM sempre que acionado. Muito dos compromissos, entretanto, traziam dificuldades para concretização. Uma das maiores era que Pelé precisava ajustar a escala de sua outra

profissão, a de motorista de coletivos, invariavelmente contando com o apoio de outro colega para possibilitar os deslocamentos, alguns deles sob desembolso financeiro que não era retribuído.

Com o passar do tempo foi ficando cada dia mais difícil atender aos pedidos, de forma que estes foram ficando para trás.

Mesmo com a diminuição de suas aparições, continuava a ser reconhecido nas ruas, assediado pelo povo que demonstrava a estima adquirida durante a trajetória por ele percorrida.

Os anos seguintes começaram a pesar e Pelé resolveu se aposentar de vez. As adversidades que encontrou não foram suficientes para apagar da memória coletiva a campanha que projetou o policial militar baiano em nível nacional e internacional. Evidente que as novas gerações não o conhecem, mas os mais antigos ainda trazem bem viva a lembrança do guarda de trânsito que encantou o público a partir de sua própria invenção, do resultado de seu carisma, do seu talento.

Capítulo XXX

Hoje, o guarda Pelé, bem vivo e bem lúcido, percorre as ruas de Salvador quase no anonimato, quando não está em Xique-Xique, cidade do interior da Bahia que escolheu para recarregar as forças sempre que a grande metrópole baiana o maltrata demasiadamente. Não deixa de sentir uma ponta de angústia quando observa o trânsito da cidade, cada dia mais louco e desenfreado. Será que imagina que, hoje, um Pelé do apito seria capaz de resolver, ao menos minimizar, o desatino que se tornou o emprego do automóvel no Brasil?

A resposta, provavelmente, seria não. Pelé, entretanto, simbolizou com seu trabalho a humanização no meio da selvageria, que acontecia também naquela época, em menor proporção, bem verdade. Fez, efetivamente, que as pessoas, mesmo inconscientemente, registrassem que no meio do ronco selvagem dos motores o homem pode, e deve, regular a convivência pacífica e respeitosa das coisas, tornando-se instrumento de harmonia no mundo e para ela concorrendo. Seu destemor em se apresentar para grandes multidões revela a coragem e a disposição em empreender, acreditando piamente que labutava em prol de um lugar melhor para se viver. Pelé foi, viu e venceu em

todos os lugares por onde passou; elevou o nome de seu Estado, de sua corporação, de seus pares, de seu povo. Fez a Bahia comentada aqui, ali e alhures, transpôs limites, divisas e fronteiras. Sua humildade não escondeu o entusiasmo com que atuou, nunca agrediu, não multou, não prendeu, nem reclamou.

Resignou-se quando devia, lutou quando podia, parou quando quis. Amou muito, gerou muito, acertou muito e errou igual.

O saldo, se é que em vida se pode mensurar, só ele pode dizer. Para nós, acredito, fica a certeza de que ele tem um lugar em nosso imaginário, no recôndito da memória que reacende as lembranças de tempos passados.

Pelé, para quem viu e aproveitou, é parte indissociável de nossa infância, adolescência ou fase adulta, conforme a cronologia nos posicionou naquela época. Ficará perene a figura ímpar de um baiano que nos encheu de orgulho e alegria no caminho que percorreu. E de um brasileiro que sempre procurou dignificar o nome de seu país, um patriota, adjetivo tão em desuso atualmente, tanto que fazia questão de autografar com a expressão: "Salve o Brasil! Armando Marques da Silva."

Parabéns, "Guarda Pelé!"

Os aplausos não lhe bastam!



Pelé hoje



Com o atual comandante-geral da PMBA, coronel Alfredo Braga de Castro



Recortes

Guarda "Pelé" para trânsito em Vitória

Vitória (AÉ)

Prisões — inclusive a do filho do futuro Governador Elcio Alvares — pancadaria e engarrafamento do trânsito marcaram, na tarde de ontem a presença do guarda de trânsito Armando Marques da Silva, conhecido por "Pelé", em Vitória.

A apresentação acabou não se concretizando e o guarda foi obrigado a permanecer dentro de um automóvel das 13 às 16 e 45 horas sempre cercado pela curiosidade popular na principal avenida da Cidade.

Enquanto "Pelé" esteve na Avenida Jerônimo Monteiro, veículos de choque da Polícia dispersaram os curiosos provocando agressões e prisões. Ambulâncias também foram requisitadas para atender os que receberam ferimentos quando procuravam assistir o "show" do guarda baiano.

Guarda Pelé é "Zero Defeito"

Rio (A Tarde)

Entre duas demonstrações de orientação do trânsito — na estrada da Vicente de Carvalho com a Praça Aquidauna — o guarda Pelé recebeu, ontem, da ITT o "Certificado ZD" (zero defeito).

A campanha do "Zero Defeito" foi lançada ontem pela primeira vez entre as filiais da ITT na América Latina, pelo próprio autor da teoria, o Diretor de Qualidade e um dos vice-presidentes da organização americana, Sr. Phillip Crosby, que fez questão de ser fotografado junto ao guarda famoso através dos anúncios de TV.

A solenidade, organizada pela International Telephone and Telegraph Corporation para homenagear seus funcionários padrões da Fábrica Standard Elétrica — Rio ganhou uma promoção fora do comum com a presença do Guarda Armando Marques da Silva.

Colabore com a
população
de Salvador.



Não estacione
em local proibido

Os guardas de trânsito estão nos ruas para evitar que os carros estacionem em locais proibidos. Além de bem instruídos para orientar os motoristas, eles têm um argumento a mais: multa e retenção para os infratores — o que pode custar Cr\$ 252,54.

Como você vê, custa mais barato usar um dos estacionamentos perifericos (Fonte Nova, São Ramundo e Vale dos Barres), onde o seu carro fica protegido e você dispõe de ônibus especiais com ar condicionado e música ambiente.

Pense nisso antes de estacionar o seu carro em local proibido.

O Detran, em nome da população de Salvador, agradece a sua colaboração.

GOVERNO
ROBERTO
SANTOS
DETRAN
Secretaria de Segurança Pública

15.7.77



Cámara y Letras

Armando piúiii

Por CARLOS CASASSA

El agente de tránsito... Armando Marques Do Santos... el mundo infernal de los coches...



JUEVES 3 DE SEPTIEMBRE DE 1974 • B. TEMPO • 15-A

Pelé em Bogotá



Tránsito... con samba!

Por PEDRO A. FUQUEN

Armando Marques Do Santos, el agente de tránsito N° 1 del Brasil, dirigirá hoy el tránsito en Bogotá al compás de la samba... Pelé em Bogotá...

Y ¿quién es él? Nada menos que bailando J. Bueno. Niada sabe cómo será apelo, pero en Rio de Janeiro foto es un carnaval adicional... Armando Marques Do Santos...



EXEMPLAR DE ASSINANTE VENDA PROIBIDA

FOLHA DE S. PAULO



SEMPRE PRESENTE: Diária, 5000 de Circulação • Ano LIV - Nº 16.877 • Um jornal a serviço do Brasil • São Paulo, quarta-feira, 22 de julho de 1974 • 41. Rua de Lins do Rocio, 68 • Cx. 1.320



ARMANDO MARQUES DA SILVA SHOW

Como que ele é tão ch... Armando Marques da Silva... o mundo infernal de los coches... Pelé em Bogotá... Armando Marques Do Santos...



COSTINHA AJUDA "PELÉ"

Duas figuras populares estiveram na cidade na semana que está finalizando: o guarda-de-trânsito "Pelé" (Armando Marques), que se tornou famoso através de um comercial de TV da Cruzeiro, e o comediante Costinha. Na foto acima, Costinha quando "ajudava" o guarda "Pelé" quando este fazia demonstrações num dos cruzamentos da cidade.

Em Caxias do Sul, RS, com a "ajuda" do comediante Costinha



Professor diz que hospital-escola onera demais

Para o trânsito do Recife não há "Pelé" que dê jeito

Novo sistema de telex da Embratel é inaugurado em outubro com 400 canais

Um professor de Física do Instituto de Física da Universidade de Pernambuco, em Recife, diz que o sistema de ensino de Física no Brasil é muito deficiente. Segundo ele, o ensino de Física no Brasil é muito deficiente, pois não se preocupa com a formação de um profissional capaz de trabalhar em uma indústria ou em uma empresa. Ele afirma que o ensino de Física no Brasil é muito deficiente, pois não se preocupa com a formação de um profissional capaz de trabalhar em uma indústria ou em uma empresa.

Embratel anunciou que o novo sistema de telex será inaugurado em outubro com 400 canais. O sistema será o mais moderno do mundo e permitirá a transmissão de mensagens em tempo real. A Embratel afirma que o novo sistema será o mais moderno do mundo e permitirá a transmissão de mensagens em tempo real.

Um hospital-escola construído em um dos mais antigos bairros das Universidades e das Faculdades de Medicina de Recife, está sendo inaugurado. O hospital-escola foi construído em um dos mais antigos bairros das Universidades e das Faculdades de Medicina de Recife, está sendo inaugurado. O hospital-escola foi construído em um dos mais antigos bairros das Universidades e das Faculdades de Medicina de Recife, está sendo inaugurado.

Cidade ganha o seu "Pelé" do trânsito

Um guarda de trânsito de nome "Pelé" (Armando Marques) ganhou fama por causa de um comercial de televisão. Ele é conhecido por sua maneira única de lidar com os motoristas e por sua habilidade de fazer piadas com eles.

Cabo submarino não oferece perigo para os banhistas

Um cabo submarino foi instalado no Recife para facilitar a comunicação entre as cidades. O cabo não oferece nenhum perigo para os banhistas e é considerado um avanço tecnológico.

Atendimento de Particulares

O atendimento de particulares no sistema de saúde do Recife está sendo melhorado. O governo está investindo em novos equipamentos e em mais profissionais para atender a demanda crescente.

Maré é fraca e não dá para assustar Maruim

Uma maré baixa não conseguiu assustar o pescador Maruim. Ele afirmou que a maré é fraca e que ele não se preocupa com o tamanho da maré.

Maneja de Lutas

Um jogo de xadrez foi jogado em Recife. O jogo foi muito interessante e mostrou a habilidade dos jogadores.

Prévia de Matricula

A matrícula para o próximo ano letivo está sendo feita. Os pais devem levar os documentos necessários para a matrícula dos filhos.

Maneja de Lutas

Um jogo de xadrez foi jogado em Recife. O jogo foi muito interessante e mostrou a habilidade dos jogadores.

Prévia de Matricula

A matrícula para o próximo ano letivo está sendo feita. Os pais devem levar os documentos necessários para a matrícula dos filhos.

Maneja de Lutas

Um jogo de xadrez foi jogado em Recife. O jogo foi muito interessante e mostrou a habilidade dos jogadores.

Prévia de Matricula

A matrícula para o próximo ano letivo está sendo feita. Os pais devem levar os documentos necessários para a matrícula dos filhos.

Maneja de Lutas

Um jogo de xadrez foi jogado em Recife. O jogo foi muito interessante e mostrou a habilidade dos jogadores.

Prévia de Matricula

A matrícula para o próximo ano letivo está sendo feita. Os pais devem levar os documentos necessários para a matrícula dos filhos.

Maneja de Lutas

Um jogo de xadrez foi jogado em Recife. O jogo foi muito interessante e mostrou a habilidade dos jogadores.

Prévia de Matricula

A matrícula para o próximo ano letivo está sendo feita. Os pais devem levar os documentos necessários para a matrícula dos filhos.

Maneja de Lutas

Um jogo de xadrez foi jogado em Recife. O jogo foi muito interessante e mostrou a habilidade dos jogadores.

Prévia de Matricula

A matrícula para o próximo ano letivo está sendo feita. Os pais devem levar os documentos necessários para a matrícula dos filhos.

Maneja de Lutas

Um jogo de xadrez foi jogado em Recife. O jogo foi muito interessante e mostrou a habilidade dos jogadores.

Prévia de Matricula

A matrícula para o próximo ano letivo está sendo feita. Os pais devem levar os documentos necessários para a matrícula dos filhos.

Maneja de Lutas

Um jogo de xadrez foi jogado em Recife. O jogo foi muito interessante e mostrou a habilidade dos jogadores.

Prévia de Matricula

A matrícula para o próximo ano letivo está sendo feita. Os pais devem levar os documentos necessários para a matrícula dos filhos.

Maneja de Lutas

Um jogo de xadrez foi jogado em Recife. O jogo foi muito interessante e mostrou a habilidade dos jogadores.

Prévia de Matricula

A matrícula para o próximo ano letivo está sendo feita. Os pais devem levar os documentos necessários para a matrícula dos filhos.

Maneja de Lutas

Um jogo de xadrez foi jogado em Recife. O jogo foi muito interessante e mostrou a habilidade dos jogadores.

Prévia de Matricula

A matrícula para o próximo ano letivo está sendo feita. Os pais devem levar os documentos necessários para a matrícula dos filhos.

Maneja de Lutas

Um jogo de xadrez foi jogado em Recife. O jogo foi muito interessante e mostrou a habilidade dos jogadores.

Prévia de Matricula

A matrícula para o próximo ano letivo está sendo feita. Os pais devem levar os documentos necessários para a matrícula dos filhos.

Maneja de Lutas

Um jogo de xadrez foi jogado em Recife. O jogo foi muito interessante e mostrou a habilidade dos jogadores.

Prévia de Matricula

A matrícula para o próximo ano letivo está sendo feita. Os pais devem levar os documentos necessários para a matrícula dos filhos.

Maneja de Lutas

Um jogo de xadrez foi jogado em Recife. O jogo foi muito interessante e mostrou a habilidade dos jogadores.

Prévia de Matricula

A matrícula para o próximo ano letivo está sendo feita. Os pais devem levar os documentos necessários para a matrícula dos filhos.

Maneja de Lutas

Um jogo de xadrez foi jogado em Recife. O jogo foi muito interessante e mostrou a habilidade dos jogadores.

Prévia de Matricula

A matrícula para o próximo ano letivo está sendo feita. Os pais devem levar os documentos necessários para a matrícula dos filhos.

Maneja de Lutas

Um jogo de xadrez foi jogado em Recife. O jogo foi muito interessante e mostrou a habilidade dos jogadores.

Prévia de Matricula

A matrícula para o próximo ano letivo está sendo feita. Os pais devem levar os documentos necessários para a matrícula dos filhos.

Maneja de Lutas

Um jogo de xadrez foi jogado em Recife. O jogo foi muito interessante e mostrou a habilidade dos jogadores.

Prévia de Matricula

A matrícula para o próximo ano letivo está sendo feita. Os pais devem levar os documentos necessários para a matrícula dos filhos.

Maneja de Lutas

Um jogo de xadrez foi jogado em Recife. O jogo foi muito interessante e mostrou a habilidade dos jogadores.

Prévia de Matricula

A matrícula para o próximo ano letivo está sendo feita. Os pais devem levar os documentos necessários para a matrícula dos filhos.

Maneja de Lutas

Um jogo de xadrez foi jogado em Recife. O jogo foi muito interessante e mostrou a habilidade dos jogadores.

Prévia de Matricula

A matrícula para o próximo ano letivo está sendo feita. Os pais devem levar os documentos necessários para a matrícula dos filhos.

Maneja de Lutas

Um jogo de xadrez foi jogado em Recife. O jogo foi muito interessante e mostrou a habilidade dos jogadores.

Prévia de Matricula

A matrícula para o próximo ano letivo está sendo feita. Os pais devem levar os documentos necessários para a matrícula dos filhos.

Pelé em Recife



ZÓZIMO



TRÂNSITO E CIRCO

• Confesso que há muito tempo não vejo nada tão ridículo, tão mediocre, tão subdesenvolvido quanto a onda feita em torno da figura espasmódica do guarda de trânsito Armando Marques.

• Os volteios rápidos, o sapateado desordenado, a agitação frenética dos braços sugerem muito mais um ginasta com indícios sérios de insuficiência motora que uma autoridade encarregada de dirigir o tráfego de automóveis. Que me desculpem os admiradores do guarda, mas por mais que me esforce ainda não consegui estabelecer uma relação entre a atividade circense e a função de disciplinar o trânsito.

• Há tempos, um concurso de âmbito mundial escolheu entre dezenas de concorrentes o melhor guarda de trânsito do mundo — um português, que de pé em sua guarita no Largo da Estrela, para onde converge o tráfego de umas 20 ruas, era capaz de dar total fluidez ao trânsito com movimentos quase imperceptível das mãos. Ganhou o concurso pelos motivos exatamente opostos aos que levaram à consagração o Sr. Armando Marques.



**“RECOMENDO
RADIOLAR
A TODOS OS MEUS
COMPANHEIROS.
É ONDE VOCÊS
COMPRAM A MELHOR
QUALIDADE PELO
PREÇO DA
VERDADE.”**

**ELETRODOMÉSTICOS
EM GERAL**

**LOJAS
RADIOLAR**

SUA CARTEIRA PROFISSIONAL LHE DÁ CRÉDITO NA HORA!



RADIOLAR
MÃO ÚNICA E DIREÇÃO
CORRETA PARA COMPRAR
PHILCO
MAIS BARATO!



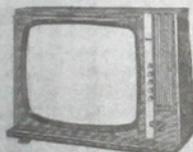
TV PHILCO "ORBITER"
33 polegadas
1150, à vista / ou
84,30 mensais
SEM ENTRADA



GRÁTIS!
Em cada compra
um Despertador
GRÁTIS!



TELEPORTÁTIL PHILCO
LUXO - 31 cm.
Totalmente transistorizado
Funciona em 110 e 220 volts.
À vista 889,
ou 67,40 mensais
SEM ENTRADA



TV PHILCO "RANGER"
33 cm. - 1795 cm² de área de visão.
À vista 1.350,
ou 99,50 mensais
SEM ENTRADA



CONDICIONADOR DE
AR PHILCO "BRISA"
- 1 HP
À vista 1.985,
ou EM 10 MESES, SEM
ENTRADA



CONDICIONADOR DE
AR PHILCO - 2 HP
À vista 3.500,
ou EM 10 MESES, SEM
ENTRADA



PHILCO BARATO É NAS

RADIOLAR

MÃO ÚNICA E DIREÇÃO
CORRETA PARA COMPRAR
TUDO MAIS BARATO!



TV PHILCO "ORBITER"
33 polegadas
1150, à vista / ou
83,80
mensais SEM ENTRADA



TV PHILCO "RANGER"
33 polegadas
1400, à vista / ou
99,50
mensais SEM ENTRADA



TELEPORTÁTIL PHILCO
33 polegadas, base
900, à vista / ou 66,00
mensais SEM ENTRADA

ARMANDO MARQUES,
O APITO DE OURO
DO BRASIL ABRE O
JOGO NO 20º
ANIVERSÁRIO DE
RADIOLAR
PARA VOCÊ COMPRAR
PHILCO
MAIS BARATO!



RÁDIO PHILCO 8 faixas, Alvarco Mundial
490, à vista / ou 33,00
mensais SEM ENTRADA



RÁDIO PHILCO
Super Transistônica, 3 faixas e antena telescópica
170, à vista / ou 11,70
mensais SEM ENTRADA



GRÁTIS!
Em cada compra
um Despertador
GRÁTIS!



CONDICIONADOR DE
AR PHILCO 10.000 B.T.U.
1900, à vista



MARQUE UM TEU VOTO COMPRANDO NO 20º ANIVERSÁRIO DAS LOJAS

27.6.72 Armand

Arquivos pesquisados:

Arquivo Histórico da PMBA

Arquivo Público do Estado de São Paulo

Biblioteca Pública da Bahia

Biblioteca Nacional/RJ

Revista Veja

Revista do bloco carnavalesco “Os Internacionais”
(1986)

Outros acervos:

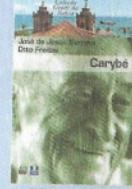
Acervo pessoal de Armando Marques da Silva (Pelé)

Acervo pessoal dos Srs. Alvaro e Rubem Sarlo.

**Raimundo José Rocha Marins**

é oficial da Polícia Militar da Bahia no posto de capitão; graduado em História pela Unijorge e pós-graduado em História e Cultura Bahiana pela Associação Científica e Sócio Cultural Patí; membro permanente da Comissão para o Histórico da PMBA; instrutor interno do Estado da Bahia pela Universidade Corporativa do Serviço Público da Bahia/Fundação Luís Eduardo Magalhães; membro da Rede Nacional de Pesquisadores Associados do Centro de Estudos Euclides da Cunha – CEEC/UNEB e instrutor dos cursos de formação de praças e oficiais da PMBA.

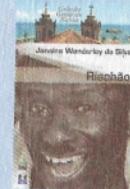
Livros publicados



Um capeta cheio de arte



Baiano burro nasce morto



O cronista do samba baiano



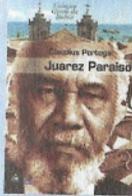
O papagaio devássio na casa dos sem jeito



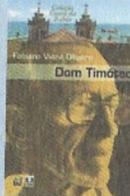
A dona da rua Chile



Inventor de cinema



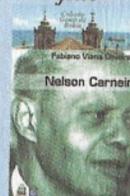
Um mestre na arte da Bahia



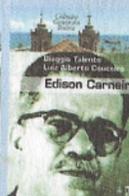
A força de um abade amoroso



O grande mestre da capoeira Angola



Um parlamentar à frente do seu tempo



O mestre antigo



O gravador de Itapuã



Réquiem para o sol



O alfaiate que Adão não conheceu



Ouvido de ouro da Bahia



Um piano da Bahia



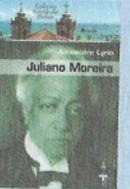
A mulher de Lampião



O Dom Quixote do Pelourinho



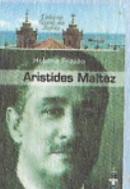
Reflexões póstumas de um livre pensador



O terapeuta do afeto



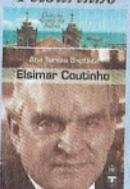
A voz que desafiou os ditadores



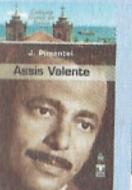
Um médico humanitário



Mestre gravurista



Cientista da humanidade



Felicidade é brinquedo que não tem



Um homem feliz



Um mestre do jornalismo da Bahia



Som e espírito



Produtor da inquietude criativa



Pioneiro da reforma agrária e literato do povo



Este livro foi composto em fonte OpenType

Adobe Garamond Pro 13/18

e editorado em Adobe InDesign CS3.

Impresso em papel Alta Alvura 90g.

Impresso em 2012 na

EGBA - Empresa Gráfica da Bahia.



Há seres humanos que se identificam de tal forma com seus misteres que a eles são definitivamente incorporados, como se fossem sinônimos. O “guarda Pelé”, quer seja o criador ou a criatura, é um desses significativos e bem-acabados exemplos.

Detentor de um carisma acentuado, carregou para si as atenções por onde quer que pisasse, dividindo generosos espaços na mídia com as principais manchetes. Ao fazê-lo, proporcionou novos olhares com relação aos afazeres policiais-militares numa época socialmente conturbada. Sua trajetória não conheceu delimitações geográficas, avançando sobre culturas diferentes, outras civilizações, línguas e comportamentos distintos dos que originaram sua fama.

No rastro daqueles impactantes acontecimentos, Pelé envolveu o imaginário de uma geração de forma a perpetuar-se na lembrança de quem o assistiu. Embora a efemeridade típica do sucesso sobreponha em velocidade exponencial os ícones, substituindo-os por outros, os signos deixados não desaparecem: são adormecidos no recôndito da consciência até serem novamente acionados pelos botões do tempo, mecanismo este que se encarregou de inserir a figura de Pelé no rol dos mitos da Bahia.

Alfredo Braga de Castro – Cel PM Comandante-Geral da PMBA